

- **PAÇO DE ARCOS**

Com nova vida

- **GONÇALO BYRNE**

Entrevista com Carlos Vaz Marques

- **ESPECIAL**

Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Todos





[ENTRE NÓS]



[A NOSSA CAPA]



[PARCERIAS]



[A DOIS]



[ESPECIAL]

- 03 **INEVITÁVEL**
- 05 **ENTRE NÓS**
Parques Tejo: a arte de gerir um bem (muito) escasso
- 09 **A NOSSA CAPA**
Paço de Arcos: a vila que encanta
- 17 **LAÇOS**
Casa Nossa Senhora de Fátima
- 20 **BIBLIOTECA ACTIVA**
Acesso gratuito
- 21 **PARCERIAS**
Ericsson: fazer bons negócios e o bem na sociedade
- 27 **A DOIS**
Gençalo Byrne: a arquitectura não é só fotogenia
- 36 **ESPECIAL**
2007: ano europeu da igualdade de oportunidades para todos
- 43 **OEIRAS IMAGINÁRIA**
O amor é um chapéu novo
- 49 **CAUSA PÚBLICA**
Direcção Geral de Fardis: a luz que guia o navegante
- 54 **OEIRAS COM ARTE**
- 55 **INOVAÇÃO**
WS Energia: o poder de uma (simples) ideia
- 61 **INESQUECÍVEL**
- 63 **A ARTE DO SABOR**
Gostas requintados
- 65 **BIOGRAFICAMENTE**
Neves de Sousa

| FICHA TÉCNICA |

DIRECTOR
Isaltino Moreira

PRODUÇÃO
Elisabete Brigadeiro

EDITORA
Carla Rocha / crocha@cm-oeiras.pt

TEXTOS
Ana Henriques
Carla Rocha
Carlos Vaz Marques
Luís Maria Baptista
Raquel Viana
Sónia Correia

FOTOGRAFIAS
Carlos Santos
Carmo Montana
Luís Maria Baptista
Albérico Alves

IDEIA GRÁFICA
CMO, Núcleo Criativo / Susana Ferreira

PAGINAÇÃO
Atelier Formas do Possível

PROPRIEDADE
Município de Oeiras

IMPRESSÃO
Sogapal

TIRAGEM
20.000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL
86817/95

ISSN
ISSN 1646-5970

EXECUÇÃO
Gabinete de Comunicação

<http://www.cm-oeiras.pt/>



Câmara Municipal
de Oeiras



Com o Habitar Oeiras garantimos que nada é feito ao acaso e tudo converge para o mesmo objectivo. O de fazer de Oeiras a casa de todos nós. Porque Oeiras é a nossa casa.

Caro Município,

A Oeiras Em Revista nasceu com o propósito de levar até si o melhor que o Concelho tem. Daí a escolha da reabilitação urbana do centro histórico de Paço de Arcos como tema principal desta edição.

Creio que a **reabilitação** é uma das grandes preocupações de todos os municípios que dispõem de espaços urbanos de alguma dimensão. Todos conhecemos os exemplos dos problemas com que grandes urbes, como Lisboa e Porto, sobretudo, se debatem neste domínio. E a ameaça é bem real. Prédios abandonados, fachadas a ruir, interiores a apodrecer, famílias que não dispõem das condições de vida mínimas. É tempo de **soluções** e de as implantar com urgência.

Por isso, a Oeiras Em Revista dá ênfase a seis projectos que servirão para **reabilitar** e **valorizar** a vila de Paço de Arcos: Auditório Jose de Castro; Habitação Jovem, requalificação da Praia Velha; pedonalização da Rua Costa Pinto; II Fase do Jardim do Palácio dos Arcos e o Edifício Avós e Netos. Cada um com a sua história, cada um com a sua especificidade.

Em simultâneo, o objectivo é o de **preservar o património histórico** acrescentando-lhe **modernidade, dinamismo** e capacidade de rejuvenescimento. Porque o principal problema dos centros históricos é sempre a perda de vida. Sem vida, sem interesse, sem movimento, abre-se a porta à degradação. No fundo, a resposta chama-se habitar. Habitar para viver, para dormir, mas também para trabalhar, para comprar, para passear, para usufruir. Toda a reabilitação só faz sentido se for para acrescentar vida. **Porque habitar é viver.**

Assim, todas estas intervenções se situam ao abrigo do Programa Estratégico Habitar Oeiras. Um Programa já apresentado publicamente e que agora começa a chegar ao terreno. Em Paço de Arcos, mas, de igual modo, um pouco por todo o Concelho. Com o Habitar Oeiras garantimos que nada é feito ao acaso e tudo converge para o mesmo objectivo. O de fazer de Oeiras a casa de todos nós.

Porque Oeiras é a nossa casa.

O Presidente

Isaltino Morais



MEXA-SE NA MARGINAL!

Av. Marginal, 3 de Junho

No dia 3 de Junho, entre as 10h00 e as 13h00, a Câmara Municipal de Oeiras volta a organizar o maior engarrafamento anual na Av. Marginal. Mais de 30.000 pessoas irão encher os cerca de 9 km que ligam Algés à Praia da Torre, participando no Mexa-se na Marginal e nas inúmeras actividades disponibilizadas que visam a promoção da Actividade Física e da adopção de estilos de vida saudáveis. O crescimento do evento e aumento do número de participantes, levaram a organização a encontrar novas formas de garantir a segurança de todos e a fluidez ao longo de toda a Marginal. Assim, este ano, a Av. Marginal terá vias dedicadas a ciclistas, com trânsito definido em ambos os sentidos, além de um aumento significativo dos recursos humanos envolvidos na iniciativa, que permitirão um acompanhamento mais personalizado aos participantes. Além destas e outras inovações adoptadas para procurar satisfazer todos os presentes, a Câmara Municipal de Oeiras conta ainda com as colaborações e apoios habituais, que lhe permitem garantir uma oferta desportiva generalizada, que abrange passeios a pé, de bicicleta, de patins e de outras formas inovadoras, aulas de fitness e relaxamento, massagens, experimentação e demonstração de modalidades, animações musicais e circenses, insufláveis, avaliação de alguns parâmetros de saúde, oferta de brindes e experimentação de produtos, entre muitas outras. Esta é, portanto, uma excelente oportunidade para iniciar ou consolidar a sua prática desportiva e iniciar a época balnear de forma saudável e enérgica.

Mexa-se Mais! MEXA-SE NA MARGINAL!

INFORMAÇÕES

*Câmara Municipal de Oeiras | Divisão do Desporto | Tel. 214408541 | Fax. 214408511
E-mail. dd.eventos@cm-oeiras.pt*



TRIATLO DO AMBIENTE

Praia da Torre, 10 de Junho

Apesar dos sucessivos êxitos organizacionais que o Triatlo do Ambiente tem experimentado, a Câmara Municipal de Oeiras parte para mais esta edição com o objectivo habitual: melhorar a qualidade da prova e garantir a satisfação de todos os participantes.

Assim, depois das inovações implementadas em 2006, nomeadamente na secção de corrida, cujo percurso foi transferido para o Porto de Recreio de Oeiras, garantindo um enquadramento paisagístico excelente e a presença de mais público a assistir, esta 20ª edição, que terá lugar no dia 10 de Junho, pretende ser uma edição de consolidação das melhorias implementadas no ano anterior. Compreendendo as distâncias de Sprint (Natação 750 m - Ciclismo 20 km - Corrida 5 km) e Super Sprint (375 m - Ciclismo 10 km - Corrida 2,5 km), O Triatlo do Ambiente é pontuável para a Taça de Portugal de Triatlo, sendo ainda palco do Campeonato Nacional de Juvenis, o que pressupõe a presença de alguns dos melhores atletas nacionais da modalidade e que agora procuram afirmar-se no contexto internacional. E é com estas condições que a Câmara Municipal de Oeiras pretende bater mais um record de participações e manter o estatuto de prova mais participada do país e das que apresenta melhor qualidade.

INFORMAÇÕES

*Câmara Municipal de Oeiras | Divisão do Desporto | Tel. 214408541 | Fax. 214408511
E-mail. dd.eventos@cm-oeiras.pt*

FELIZMENTE NÃO É NATAL, DE CARLES ALBEROLA

Aud. Municipal Eunice Muñoz, a partir de 12 de Abril

Duas mulheres vivem o seu dia a dia num lar. Ambas partilham o mesmo quarto e nele vivem as suas deliciosas e por vezes dramáticas histórias. O humor e a esperança são uma constante presença nesta obra. Fernanda (Lourdes Norberto), com o seu humor corrosivo, e Leonor (Manuela Maria), com as suas baralhões diárias, vão transportar os espectadores para uma realidade divertida, mas reveladora, ao mesmo tempo, de grandes segredos nunca partilhados.

A presença constante da jovem enfermeira Salomé (Paula Lobo Antunes) e a visita do filho de Leonor, Alberto (Álvaro Faria), com os seus diversos problemas, demonstram a Leonor e Fernanda que as suas vidas estão muito longe de terminar, apesar de viverem num lar.

INFORMAÇÕES

Horário: 5^{as}, 6^{as} feiras e Sábado 21H30 - Domingos 17H00

Informações: Tel. 214 408 582 - 214 408 411 | E-mail. paulo.afonso@cm-oeiras.pt - rmaria.desousa@gmail.com

Preço dos bilhetes: Plateia 15,00€ - Balcão 10,00 €



DOS ANOS 10 AOS ANOS 50, MENEZ - EXPOSIÇÃO ANTOLÓGICA, O VÉU DA NOIVA, DE ANA VIDIGAL E RUTH ROSENGARTEN

Centro de Arte Coleção Manuel de Brito, inaugura a 27 de Abril, pelas 18h30

A apresentação destas três novas exposições enquadra-se numa lógica de programação expositiva que, organizada numa perspectiva museológica, pretende uma rotação dos diversos movimentos e artistas que integram a Coleção.

Neste núcleo expositivo, salientamos na exposição “Dos Anos 10 aos Anos 50”, o conjunto de três baixos relevos de Almada Negreiros “O Gato Félix”, o díptico “Jazz” e o “Marinheiro”, de 1929, que faziam parte da fachada do Cine San Carlos, em Madrid, e têm estado em exposição no Museu de Arte Contemporânea do Chiado desde 1994.

A opção de integrar neste conjunto Menez - Exposição Antológica prende-se em primeiro lugar com a importância incontornável que a artista ocupa na História da Arte Portuguesa do Séc. XX, mas também e consequentemente por ser um dos nomes referenciais na própria Coleção, inaugurando assim um conjunto de exposições individuais de alguns dos artistas que se pretendem destacar na Coleção.

A inclusão da obra O Véu da Noiva, de Ana Vidigal e Ruth Rosengarten, marca a inevitável contemporaneidade que se pretende incutir na dinâmica programática do Centro.

Realizada para o Salão Nobre do Teatro Baltazar Dias no Funchal, em 2000, esta instalação será pela primeira vez apresentada em Lisboa. A componente teatral da peça, um vestido de casamento em cetim, é enfatizada pela forma como será apresentada no espaço, tirando partido de toda a componente cénica que a mesma sugere...

INFORMAÇÕES

Centro de Arte | Coleção Manuel de Brito | Rua Hermano Patrone, Palácio Anjos, Algés
Terça a Domingo das 11h30 às 18h | Tel. 91 2570628



PARQUES TEJO

A arte de gerir um bem (muito) escasso

Se relativamente à utilização dos termos «parquímetro» e «parcómetro» não parece existir consenso, já relativamente à questão do estacionamento a sociedade converge, aparentemente, para, pelo menos, duas conclusões. Por um lado, a de que a procura supera largamente a oferta. Por outro, a de que a solução para o problema passa, inevitavelmente, por uma eficaz gestão dos espaços disponíveis.

texto de Sónia Correia
fotos de Albérico Alves

No concelho de Oeiras, a responsabilidade de ajudar a encontrar soluções para esse problema está em parte nas mãos da Parques Tejo, a empresa municipal que gere cerca de oito mil lugares de estacionamento – entre parques subterrâneos e à superfície – e 350 parquímetros.

Os funcionários que asseguram a fiscalização, aqueles com os quais nos cruzamos na rua, são a face visível de uma empresa onde cerca de 35 pessoas trabalham para disciplinar a utilização deste bem escasso que é o estacionamento à superfície.

As preocupações com o estacionamento não são recentes mas, na realidade, só no final dos anos 90 é que a questão assumiu, pelo menos em Oeiras, a dimensão de um ‘problema’.

Do ponto de vista urbanístico, o concelho desenvolveu-se de forma harmoniosa e organizada.

Até há 20 anos atrás, poderá dizer-se que o estacionamento existente era suficiente para colmatar as necessidades, pelo que oferta e procura estariam relativamente equilibradas.

Quando aos promotores imobiliários começou a ser imposto que garantissem, em novas urbanizações, estacionamento para os residentes, a realidade era ainda muito distante da dos dias que correm, em que o número de viaturas por fogo facilmente ascende aos três, quando não quatro.

Foi, por isso, em finais da década de 90 que, para a Câmara Municipal, se afigurou imperativa a criação de mecanismos que permitissem assegurar a demarcação de lugares de estacionamento à superfície e regras para que os mesmos fossem fiscalizáveis.

Assim nasceu a Parques Tejo.

UMA SOLUÇÃO NEM SEMPRE BEM ACOLHIDA

Em funções há pouco mais de um ano, Luís Miguel Silva, presidente do Conselho de Administração, explica que a principal preocupação da empresa é “garantir que os residentes conseguem estacionar as suas viaturas perto de casa”.

Situações como as que enfrentam os moradores de zonas consoli-

dadas como a Baixa de Algés, onde os edifícios não têm garagens, são aquelas que classifica de “problemas de primeira geração”. Paralelamente, é fundamental garantir que o comércio existente nessas zonas possa ‘oferecer’ estacionamento aos clientes, para que residentes e actividade comercial coabitem pacificamente. A implementação de parquímetros consubstancia parte da solução para o problema mas... nem sempre é bem acolhida. Se, por um lado, existe quem os encare como o melhor método para imprimir alguma ordem no estacionamento, por outro, existe quem defenda que “no caos se consegue viver melhor”. “No fundo, estamos a caminhar entre dois extremos”, explica Luís Miguel Silva, acrescentando que são já muitos os casos de moradores que solicitam à empresa a colocação de parquímetros na sua rua, certamente por considerarem que será a única forma de garantir que conseguem estacionar perto de suas casas.

A QUESTÃO DA MOBILIDADE

O terceiro vértice deste triângulo está relacionado com o estacionamento nas imediações das interfaces de transportes públicos. A questão é complexa mas Luís Miguel Silva acredita que a empresa responsável pela gestão do estacionamento num concelho como o de Oeiras pode ter uma palavra a dizer relativamente ao problema da mobilidade na Área Metropolitana de Lisboa. Sendo certo que a rede de transportes públicos está longe de poder ser considerada ideal, aquele responsável está convicto de que a garantia de um lugar de estacionamento junto a interfaces como o de Algés, o de Paço de Arcos ou o de Oeiras pode incentivar os municípios à utilização dos transportes públicos. “Um concelho como o de Oeiras, que se desenvolveu da forma como desenvolveu ao longo das últimas décadas, que atraiu para o seu território tantas empresas de referência, também atraiu população, e população muito exigente. E todos sabemos que nos países mais ‘exigentes’ a solução para os problemas da mobilidade não passa pela utilização do transporte individual mas pelo recurso ao transporte público”, reitera Luís Miguel Silva. Aquele responsável defende que, “do ponto de vista urbanístico, seria um erro supor que a solução para os problemas de estacionamento passa única e exclusivamente pela criação de mais lugares de estacionamento. Isso poderia até fazer sentido, mas julgo que faz muito mais sentido apostar no desenvolvimento de uma rede de transportes públicos que nos incite a deixar o carro em casa”. É por isso que na Parques Tejo se acredita que uma empresa como esta tem obrigação de contribuir para a solução do problema da mobilidade, em lugar de se posicionar como um obstáculo à sua resolução. Até porque, conforme explica Luís Miguel Silva, “mesmo que neste momento criássemos um número de novos lugares de estacionamento igual aos que actualmente nos estão concessionados, provavelmente não conseguiríamos dar resposta à procura existente”.



José Ataíde Campos, Alexandra Tavares de Moura e Luís Miguel Silva, membros do conselho de Administração

A implementação de parquímetros consubstancia parte da solução para o problema mas... nem sempre é bem acolhida. Se, por um lado, existe quem os encare como o melhor método para imprimir alguma ordem no estacionamento, por outro, existe quem defenda que “no caos se consegue viver melhor”.



Luis Miguel Silva, presidente do conselho de Administração da Parques Tejo

OUVIR PRIMEIRO, AGIR DEPOIS

O processo de criação das denominadas zonas de estacionamento de duração limitada (ZEDL) não é, de modo algum, arbitrário.

As propostas apresentadas pela empresa à Câmara Municipal partem, muitas vezes, de sugestões apresentadas ou por órgãos municipais ou pelos próprios munícipes, sendo que a decisão final compete, sempre, à Autarquia.

“É a Câmara Municipal quem aprova, ou rejeita, a criação de uma nova zona de estacionamento de duração limitada, sendo que o mesmo sucede relativamente ao regime de tarifário a aplicar”, esclarece Luís Miguel Silva.

A Parques Tejo dispõe de autonomia de gestão e funcional, mas no que respeita a investimentos a actuação da empresa está perfeitamente articulada com os diversos órgãos da Câmara Municipal.

Por outro lado, todos os montantes recebidos pela empresa são totalmente reinvestidos no concelho, seja no âmbito da criação de novas zonas de estacionamento, seja na manutenção, seja na construção de novos parques.

Em muitos casos, a função da Parques Tejo passa também por colaborar com a Câmara Municipal ao nível do ordenamento do território, garantindo que determinados espaços possam ser rentabiliza-

dos em termos do estacionamento à superfície. Para a Parques Tejo, a formação dos recursos humanos é, mais do que um imperativo legal, uma questão basilar.

Os colaboradores da empresa, particularmente os que asseguram a fiscalização, são o rosto da empresa face à comunidade.

Daí que sejam sensibilizados para ouvir as sugestões dos munícipes, linha de conduta que a empresa procura seguir a todos os níveis.

“Uma empresa com as características da Parques Tejo tem de saber ouvir as sugestões e as críticas, mesmo que algumas delas possam ser mais violentas ou, até, injustas. Porque todas terão uma razão de ser. E representam, para nós, o ponto de partida para encontrar soluções”.

Soluções que deverão passar, nos próximos anos, pela criação de novos parques, subterrâneos e à superfície, tanto em zonas residenciais, já identificadas, como nas chamadas zonas de alta rotação. ■

A Parques Tejo é responsável pela gestão dos parques de estacionamento do Centro Cívico de Carnaxide, do Mercado de Queijas, do Porto de Recreio e da Piscina Oceânica de Oeiras.

| A NOSSA CAPA |



PAÇO DE ARCOS

A vila que encanta

texto de Carla Rocha

fotos de Carlos Santos e Departamento de Projectos Especiais



Paço de Arcos tem vindo a alcançar uma nova vida, novo fôlego e uma nova dinâmica.

Paço de Arcos tem vindo a alcançar uma nova vida, novo fôlego e uma nova dinâmica. A vila tem sido alvo de várias intervenções urbanísticas, inseridas numa política autárquica de revitalização do centro histórico. Apesar de inúmeras intervenções já terem sido realizadas, há um plano contínuo e estratégico de continuação da reabilitação, fazendo desta vila um espaço cada vez mais aprazível.

Nesta edição vamos dar a conhecer seis intervenções que prometem fazer de Paço de Arcos um dos sítios ainda mais ambicionados para se viver ou, simplesmente, para se fruir com tempo, num passeio que bem pode ser à beira rio.

Calcorreando a calçada no centro histórico, é impossível não reparar como o passado vive em harmonia com presente. As intervenções no âmbito do urbanismo, mais do que recuperar uma memória histórica, dão dimensão à vila que tem mostrado um crescimento cadenciado.

Paço de Arcos é uma vila pequena, intimista, que encanta pela sua personalidade. Cresceu virada para o Tejo. Da sua história fazem parte pescadores e famílias da alta burguesia, poetas e hoquistas entre um rol de personagens que ajudaram a fazer de Paço de Arcos a freguesia que hoje é. E é em respeito a esse passado, a essa história de que nos orgulhamos, que a reabilitação do Centro Histórico tem sido efectuada com resultados absolutos.





PEDONALIZAÇÃO DA RUA COSTA PINTO – 1.ª FASE

A intervenção na Rua Costa Pinto realizada no âmbito do Projecto Especial de Urbanismo Comercial de Paço de Arcos tem como principais objectivos o melhoramento do ambiente urbano, o disciplinamento automóvel, a delimitação das áreas pedonais e de estadia e a renovação do mobiliário, equipamento e iluminação pública.

Este novo espaço urbano contribuirá para a requalificação do centro histórico da vila de Paço de Arcos, permitindo que as pessoas dele usufruam enquanto Centro Comercial ao Ar Livre. Foi com este pressuposto que o presente estudo visa propor uma solução para o troço da Rua Costa Pinto entre o nº de polícia 170 e nº 184, de forma a torná-lo numa área pedonal com zonas de estadia destinadas a esplanadas de apoio aos restaurantes/estabelecimentos existentes, bem como para uma fruição plena do espaço físico envolvente. Esta reestruturação pretende: um desenho urbano que requalifique o espaço público actual integrando-o na malha urbana existente; permita uma coerente fruição do espaço valorizando acessibilidades pedonais e introduzindo áreas de estadia que o valorizem; a instalação de mobiliário urbano e equipamentos de qualidade como melhoramento da qualidade urbana no espaço público; Dinamização do comércio local procurando em simultâneo dar resposta às solicitações de alguns dos comerciantes instalados neste troço de rua; reestruturação do esquema de circulação automóvel;

Relativamente à pedonalização, a área de intervenção é de 300,00 m², limitada a norte e a sul por uma malha habitacional com estabelecimentos comerciais ao nível do rés-do-chão.

O troço da Rua Costa Pinto entre a 'Papellaria Dani' e a 'Padaria Apapol' com passeios estreitos que não convidam à visita, necessitam de incentivo à estadia e ao passeio pelo que esta intervenção pretende conferir ao espaço uma melhor imagem urbana.

Numa primeira fase, sugere-se o encerramento deste troço ao trânsito, permitindo posteriormente a inclusão no actual espaço de esplanadas que convidem à estadia.

Numa segunda fase, pretende-se reformular os materiais de revestimento existentes propondo um pavimento para as zonas de estadia que contraste com os paralelos de calcário existentes.

O início das obras estão previstas para o 2º semestre do corrente ano.

Este novo espaço urbano contribuirá para a requalificação do centro histórico da vila de Paço de Arcos, permitindo que as pessoas dele usufruam enquanto Centro Comercial ao Ar Livre.



REQUALIFICAÇÃO DA PRAIA VELHA

No âmbito da recuperação e revitalização do Centro Histórico de Paço de Arcos, encontra-se a Câmara Municipal de Oeiras a desenvolver um conjunto de acções com vista à requalificação da Praia Velha e zona envolvente. Foi elaborado um estudo que visa a criação de um espaço público de qualidade de forma a servir, não só as necessidades dos pescadores, como as do público em geral. A intervenção prevê a criação de uma praça ampla em anfiteatro para a praia e a construção de um edifício de apoio à actividade piscatória. Contempla, ainda, áreas de estacionamento e um acesso mais funcional das embarcações à praia e ao mar. O edifício para as Armações dos Pescadores, acima mencionado, será dotado de espaços individuais para cada um dos pescadores (num total de 27), e de uma área colectiva onde serão instaladas a zona de lavagens, a zona de estar/cozinha e os balneários. Também está previsto um espaço destinado ao socorro e à observação marítima. A obra teve início no ano corrente e estima-se que a sua duração não ultrapasse os 18 meses...



ESPAÇO DE CONVÍVIO AVÓS E NETOS NO JARDIM MUNICIPAL DE PAÇO DE ARCOS

O actual centro de convívio do Jardim de Paço de Arcos é um equipamento de carácter social, localizado junto a um campo de jogo. O espaço beneficia de uma localização excelente, não só por se encontrar inserido num jardim, onde se pode aproveitar os recursos naturais do parque, bem como de outras infra-estruturas (parque infantil, coreto, campo de jogos), mas também por se situar perto de um percurso pedonal inferior que permite o acesso à praia velha de Paço de Arcos.

Esta estrutura é, assim, propícia para a criação de um espaço intergeracional, aberto à comunidade, proporcionando o encontro a troca de experiências e saberes entre os mais velhos, facilitando o fortalecimento de solidariedade entre diferentes gerações e, se para os idosos a participação é motivante, também para as crianças se torna enriquecedora.

Pretendemos neste espaço realizar actividades de expressão plástica, jogos, livros de contos tradicionais, dramatizações, conto de histórias, fabrico de brinquedos tradicionais, entre outras que proporcionem o enriquecimento da sociabilidade entre avós e netos.

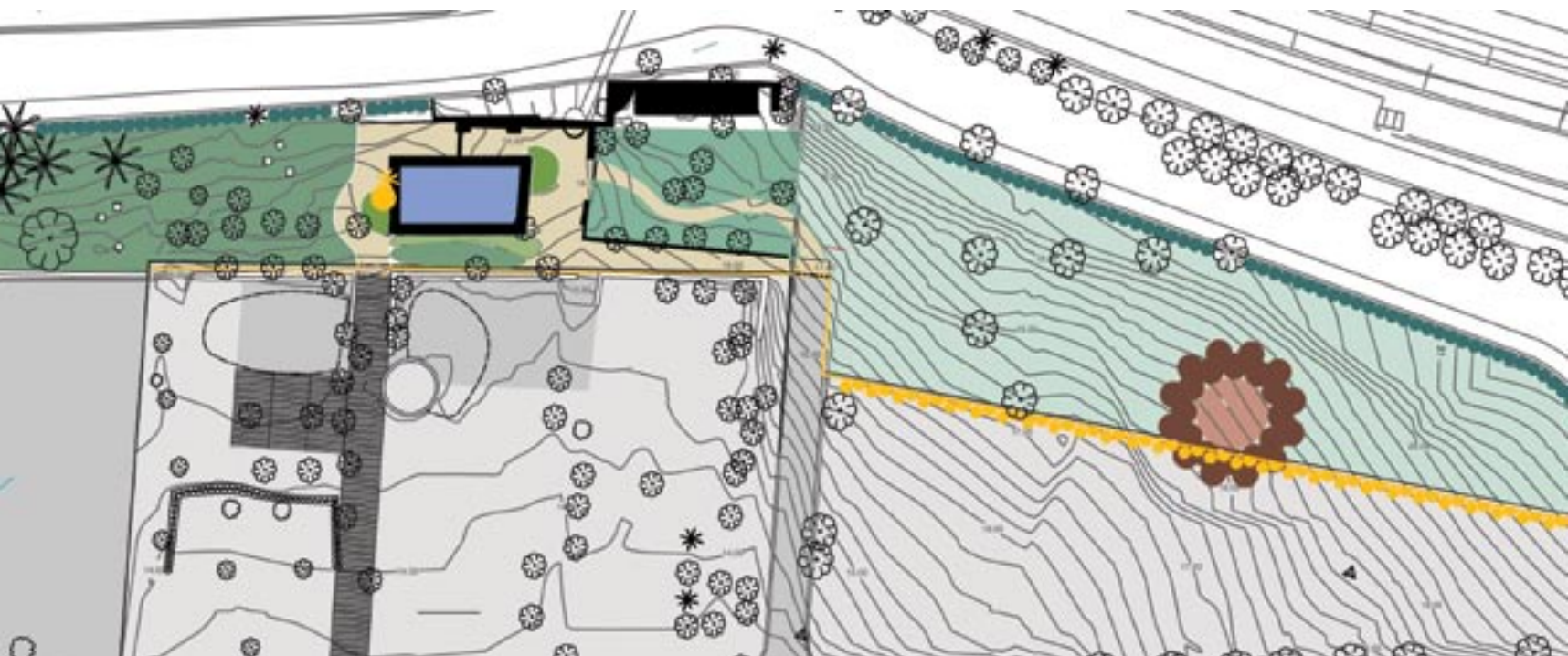
Para ambas as partes há o ganho efectivo, para os mais velhos a possibilidade de se temporizarem de novas formas de ver o mundo; os mais novos poderão contar com as histórias de outros tempos, a recordação de outros modos de ser sentir e agir – de uma outra cultura, de outra época. A organização do edifício concentra-se num só volume, de forma a maximizar o espaço interior. A recepção, as salas (actividades lúdico-pedagógicas e ateliers de expressão plástica) e as instalações sanitárias, que separam os dois espaços de permanência, fazem parte do programa de projecto.

A fachada para o campo de jogos é rematada por uma pala de ensobrimento que permite maior controlo da entrada de luz solar.

Pretende-se utilizar como material principal a madeira, pois permite criar uma maior ligação com o jardim, sem ferir o espaço envolvente. Na fachada norte, pensou-se num jogo de letras – “Espaço Avós e Netos” – em ripado, que tanto se pode observar do exterior como do interior.

Como princípio base, pretende-se uma grande flexibilidade de utilização. Através da transparência dos envidraçados e da materialidade, consegue-se que o edifício se dilua na própria paisagem. Para este espaço pretendemos que funcione como espaço aberto, onde podem ir crianças com idades compreendidas entre 03-10 anos e seus familiares. Este lugar poderá ainda funcionar, como centro de apoio à família ou como recurso para escolas e instituições de infância.

Para ambas as partes há o ganho efectivo, para os mais velhos a possibilidade de se temporizarem de novas formas de ver o mundo; os mais novos poderão contar com as histórias de outros tempos, a recordação de outros modos de ser sentir e agir.



2ª FASE DO JARDIM DO PALÁCIO DOS ARCOS

Esta intervenção terá lugar no talhão superior do Jardim do Palácio dos Arcos, que possui uma área de cerca de 2.223m². Neste talhão existe uma variedade de árvores que foram sendo plantadas ao longo dos tempos. Também se encontra, neste espaço, um tanque e duas saídas de minas com água corrente as quais anteriormente serviam para efectuar a rega das hortas e jardim bem como adução do lago. O jardim foi interrompido no topo para a execução de um arruamento tendo sido construído um muro de suporte em betão o qual descaracteriza bastante a imagem “idilica” deste tipo de jardins. Desta forma, propomos à remoção da vedação e vegetação plantada junto a esta (*prunus laurocerassus* e *glí-cineas*) as quais separam o talhão superior do resto do jardim e devolver este espaço para uso público, bem como camuflar, com vegetação, o muro de betão, através da plantação de um arbusto de crescimento rápido - *Eugénia*, prevendo-se que dentro de um ano e meio o muro esteja totalmente coberto. Ambicionamos manter todas as árvores e arbustos à excepção de um loendro e uma palmeira que colidem com o muro do tanque. Disponibiliza-se ainda a plantação de um grupo de jovens fruteiras, colocadas sobre uma superfície de telha quebrada na zona menos inclinada do relvado, de forma a criar um ponto de interesse e recreio, onde se poderá ainda apreciar a vista do Rio. E para a fruição do espaço em pleno, propomos a colocação de bancos proporcionando espaço de convite à introspecção. As obras terão início em Outubro de 2007 e prevê-se finalizar em Fevereiro de 2008.

AUDITÓRIO JOSÉ DE CASTRO

O Auditório José de Castro é o nome dado ao projecto de um centro cultural na vila. Este plano engloba a reformulação e a ampliação de um edifício degradado, e a requalificação de um espaço intersticial, propriedade adquirida, recentemente, pela autarquia.

O edifício é constituído por duas áreas distintas que se encontram num ático de triplo pé direito com cobertura envidraçada:

- Área de exposições, bar, instalações sanitárias e administração;
- Área de auditório camarins e régie.

Na zona que constitui actualmente o logradouro, pretende-se criar um jardim público dotando-o de condições para a realização de actividades culturais ao ar livre. Neste espaço exterior, haverá uma entrada para quem se desloque desde o centro histórico de Paço de Arcos para o futuro centro cultural.

Por se tratar de uma intervenção que envolve um edifício existente e com uma arquitectura característica do séc. XIX, pretende-se que esta seja contrastante de elementos fortes e linguagem contemporânea que resulte num diálogo de formas revelador das duas épocas marcantes, neste conjunto arquitectónico. Deste modo, mantêm-se os elementos estruturantes do edifício original - planos de fachada, fenestração, cantarias, platibandas e cria-se um elemento plástico formalizado numa lâmina de betão suspensa que anuncia a entrada, e conduz ao volume proposto onde se implanta o Auditório.

Sobre o terraço do edifício original surgirá uma pala solta deste que cobre um espaço envidraçado onde funcionará a administração.



O objectivo de dotar estas zonas de uma modernidade que responda às actuais exigências de salubridade e conforto, qualidade e segurança, sem alterar significativamente as suas realidades, mantendo a sua vocação, predominantemente habitacional.

HABITAÇÃO JOVEM

Os núcleos de formação histórica representam a génese da ocupação urbana no território. Actualmente ameaçados pela degradação do edificado e pelo envelhecimento do seu tecido social, assim como pela sua conseqüente desertificação, surge a necessidade de desenvolvimento de uma metodologia estratégica de acção, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida das populações, através da revitalização e salvaguarda das características desses núcleos. Surge assim o objectivo de dotar estas zonas de uma modernidade que responda às actuais exigências de salubridade e conforto, qualidade e segurança, sem alterar significativamente as suas realidades, mantendo a sua vocação, predominantemente habitacional e promovendo, progressivamente, através da implementação de políticas adequadas, a instalação de novos grupos populacionais mais jovens. E é neste sentido que a Câmara Municipal de Oeiras se encontra a implementar o Programa Habitação Jovem nos núcleos de formação histórica, e que visa reabilitar 300 fogos no decorrer de 10 anos. Para tal, a autarquia tem vindo a adquirir imóveis degradados e devolutos, no sentido de reformular a reabilitar com vista ao posterior arrendamento por parte da população mais jovem.

Actualmente, no centro histórico de Paço de Arcos, encontram-se dois edifícios com este intuito. O da Av. Patrão Lopes, no 9 está concluído e o da Rua Costa Pinto, no 176 e 196 em projecto de reabilitação. Em 2009 a autarquia prevê 176 apartamentos para habitação jovem.



CASA

Nossa Senhora de Fátima

As Filhas da Caridade Canossianas Missionárias acolhem na Casa Nossa Senhora de Fátima 164 crianças, nas valências de ATL e Jardim Infantil e disponibilizam um Banco Alimentar a 90 famílias. A fé cristã está na base da educação prestada naquela escola de Queluz de Baixo.

texto de Raquel Viana
fotos de Carmo Montanha

Por solicitação de várias famílias, no ano de 1972 a Casa Nossa Senhora de Fátima abriu as suas portas às crianças cujos familiares trabalhavam nas fábricas e nas empresas que na época nasciam em Queluz de Baixo. Os primeiros meninos e meninas a frequentarem esta instituição tinham entre três e seis anos de idade.

No entanto, a criação desta Casa data de 1968, tendo nessa altura como finalidade a preparação das noviças que seriam depois enviadas para missões em províncias de Língua Portuguesa.

A Casa Nossa Senhora de Fátima é gerida pelas Filhas da Caridade Canossianas Missionárias, que têm presença nos cinco continentes. Em Portugal, marcam presença em Oeiras, no Porto e em Setúbal. Hoje, a instituição, que tem por objectivo “formar a criança no seu todo, tendo por base a formação cristã” tem como valências Atelier de Tempos Livres (ATL), frequentado este ano lectivo por 86 crianças da Escola Básica 1 Jorge Mineiro de Queluz de Baixo, e Jardim Infantil (JI), com 78 crianças.

A presidente da Direcção, a Irmã Maria da Graça, acompanhou-nos na visita. Ao longo da sua vida, Maria da Graça já esteve em missões em Timor, na Austrália e em África do Sul. Agora em Oeiras, a nossa

anfitriã mostrou-nos orgulhosamente as instalações e falou-nos do trabalho ali desenvolvido.

Percorremos todo o edifício, amplo, onde a figura de Nossa Senhora marca presença em quase todas as divisões, inclusive no recreio, onde está localizada uma pequena estátua com a sua imagem. Pudemos conhecer as três salas do JI (a amarela, a verde e a azul), que são apoiadas por um dormitório para os mais pequenos e por um refeitório. O ATL é constituído também por três salas de aula e um refeitório polivalente. A cozinha é comum e o ginásio partilhado por ambas as valências, em dias alternados.

No dia da nossa visita, as crianças do ATL, entre os seis e os 10 anos, estavam no recreio, espaço este que inclui um parque infantil e uma zona de jogos. Em pleno dia de greve de professores, a brincaadeira foi alargada e ao som dos D'ZRT muitas meninas dançavam e cantavam.

A Nelma, que com nove anos frequenta o 4º ano, revelou-nos que o que mais gosta de fazer na Casa Nossa Senhora de Fátima é de “pôr música, dançar e brincar”. Na sua opinião, é importante frequentar esta instituição porque “é importante aprender a estudar”. Por sua



vez, a sua melhor amiga, a Joana (com a mesma idade), tem como preferência as aulas de ginástica. No ATL é prestado apoio ao estudo por professores da EB 1 Jorge Mineiro e há actividades de enriquecimento curricular: inglês, música e educação física.

A coordenação do JI está a cargo de Maria André, tratada por “Mimi” pelas crianças, que nos informou que também para os mais pequeninos, entre os três e os cinco anos, “a par do trabalho orientado pelas educadoras, há aulas de música e de educação física”. Adiantou ainda que as crianças “gostam tanto de aqui estar que, por vezes, no final do dia não querem ir embora”.

A formação cristã é a base dos ensinamentos praticados na Casa Nossa Senhora de Fátima. Todas as crianças fazem a Primeira Comunhão e as épocas do ano de cariz religioso são sempre celebradas. “É objectivo da instituição dar a conhecer Jesus Cristo às crianças e prepará-las para os Sacramentos”, revelou-nos a Irmã Maria da Graça.

No início de cada ano lectivo, em Setembro, reza-se uma missa com as crianças a agradecer o ano que passou e a pedir a Deus graças para o que vai ter início. O Magusto, no dia de São Martinho (11 de Novembro) é aberto à família e aos amigos das crianças. No Natal distribuem-se presentes e na Páscoa fazem-se actividades extra, de que é exemplo uma viagem realizada com as crianças do ATL a Fátima, no ano passado.

A abertura à comunidade também é fundamental para as Irmãs. A Capela Oficial – Paróquia de Nossa Senhora – está aberta ao público cinco dias por semana.

O apoio à comunidade é prestado dentro e fora da escola, dispondo a instituição de um Banco Alimentar dirigido aos mais necessitados. Na sua generalidade, “os utentes que servimos vêm das Misericórdias e da Segurança Social”, disse-nos a Irmã Maria da Graça. Arroz, massa, açúcar, pão e fraldas são alguns dos bens de primeira necessidade que são distribuídos mensalmente por pessoas carenciadas, idosos, mulheres de reclusos e desempregados. Ao todo, são apoiadas 90 famílias. ■

ACESSO GRATUITO

texto de Filipe Leal*

O princípio do acesso gratuito aos espaços, às colecções, aos serviços e às actividades, é uma das características mais marcantes do funcionamento das Bibliotecas Municipais de Oeiras (BMO).

Na prática, isto significa que qualquer munícipe do concelho de Oeiras pode usufruir gratuitamente de praticamente todos os recursos que a Câmara Municipal de Oeiras, através das BMO, coloca ao seu dispor. Por exemplo, sabia que:

- Pode solicitar gratuitamente (desde que seja portador do cartão de leitor) o empréstimo domiciliário da grande maioria dos 110.000 documentos existentes nas BMO?

- Pode recorrer gratuitamente ao atendimento personalizado por parte de uma equipa altamente especializada na pesquisa da informação em formato impresso (revistas e livros) e em formato digital (internet)?

- Pode utilizar gratuitamente um dos mais de cinquenta PC's que as BMO disponibilizam nos seus sectores multimédia para navegar na Internet (pesquisar informação, ler e-mails, participar em blogs, etc.)?

- Pode participar gratuitamente nas múltiplas actividades de promoção da leitura desenvolvidas pelas BMO (encontros com escritores, séries de contos, grupos de leitura, horas do conto, conferências e debates, etc.)?

- Pode frequentar gratuitamente uma grande diversidade de acções de formação (sobre pesquisa de informação, narração de contos, problemáticas ligadas à aprendizagem da leitura, etc.)?

Essa gratuitidade decorre do facto das BMO serem assumidas como um verdadeiro serviço público. Para que tal seja possível, a Câmara

Municipal de Oeiras assegura integralmente o financiamento do funcionamento das BMO (ao nível dos recursos humanos especializados, da manutenção dos edifícios e do mobiliário, da renovação do parque informático, da actualização das plataformas informáticas, da contratação de profissionais externos, da actualização dos fundos documentais). Só a título de exemplo, interessa referir que em 2007 estão orçamentado 160.000 € para aquisição de novos documentos para as BMO (livros, revistas e jornais, assim como CD's e DVD's).

Numa dimensão social, a gratuitidade é uma garantia da igualdade de oportunidades no acesso ao conhecimento e à cultura. Se tivermos em atenção que vivemos numa sociedade em que as oportunidades de emprego dependem das habilitações académicas e das competências profissionais, mais facilmente podemos verificar a importância do serviço público prestado pelas BMO. Sublinhe-se ainda que, através das BMO podem ser reduzidas algumas das consequências sociais dos novos fenómenos de info-exclusão e criadas as condições para suportar a aprendizagem ao longo da vida.

Numa dimensão cultural, interessa referir o papel das BMO na disponibilização de um programa diversificado de acções que têm na promoção da leitura a sua raiz fundadora. Desde as sessões intimistas (grupos de leitores e hora do conto) às sessões públicas (*Café com letras* e *Dez livros que mudaram o mundo*), das acções dirigidas às escolas (*Viagens por entre linhas*) às acções dirigidas às famílias (*Pijama às letras*), tentamos fazer chegar a nossa acção a todos os públicos e a todos os locais do concelho, até aos mais invulgares (por exemplo o festival *Ondas de contos* na Praia da Torre).

Gostávamos de concluir este pequeno texto deixando aqui um repto: se não conhece as Bibliotecas Municipais de Oeiras, venha conhecê-las e usufruir do acesso gratuito aos seus recursos.



ERICSSON

Fazer bons negócios e o bem na sociedade

Fornecedor líder mundial de equipamentos de telecomunicações e serviços para operadores de rede fixa e móvel, a Ericsson é uma empresa com mais de 130 anos de história, actualmente representada em mais de 140 países e que trata a responsabilidade social como um assunto muito sério.

texto de Sónia Correia
fotos de Carmo Montanha

Presente em Portugal como companhia local desde 1953, a Ericsson Telecomunicações desenvolveu a sua actividade essencialmente no segmento de comunicações empresariais até 1992, ano em que foi firmado o primeiro contrato de fornecimento GSM com uma operadora de telemóveis portuguesa.

Esse acontecimento marcou o início de um rápido desenvolvimento que posicionou a Ericsson como uma das empresas líderes de mercado em Portugal.

Actualmente a Ericsson emprega no nosso país 270 colaboradores directos, mais cerca de 50 indirectos, formando uma equipa jovem (77% entre os 26 e os 34 anos de idade) e altamente qualificada (80% detentores de graus universitários). Implantada

na Quinta da Fonte desde o ano da criação daquele parque empresarial (1998), a ligação da Ericsson ao concelho de Oeiras é anterior a essa data, uma vez que já antes tinha a sua sede em Carnaxide.

‘ERICSSON RESPONSE’

Em termos globais, a responsabilidade social faz, desde há muitos anos, parte da estratégia da empresa.

Conforme nos explicou Fernanda Tomás, Country Manager da Ericsson em Portugal, “como empresa que somos, naturalmente, visamos o lucro. Mas o nosso lema é, desde há muito, fazer bons negócios e, simultaneamente, fazer o bem na sociedade”.

A este nível, o destaque vai para o programa corporativo ‘Ericsson Response’, ini-

ciativa global de responsabilidade social que visa colocar a tecnologia ao serviço da comunidade, em caso de catástrofes naturais, em colaboração com organizações não governamentais de solidariedade como as Nações Unidas e a Cruz Vermelha Internacional.

Melhorar a qualidade, rapidez e efectividade na resposta a situações de catástrofe natural, em qualquer local do mundo, é o objectivo deste projecto, que tem como pilar fundamental os colaboradores da empresa. São esses colaboradores que voluntariamente se disponibilizam para prestar ajuda humanitária, através da utilização de tecnologias Ericsson.

O ‘Ericsson Response’ envolve um conjunto de voluntários, ao nível mundial, que rece-



Como empresa que somos, naturalmente, visamos o lucro. Mas o nosso lema é, desde há muito, fazer bons negócios e, simultaneamente, fazer o bem na sociedade.

bem formação específica relativamente à actuação em situações de desastre natural e que estão preparados para, a qualquer momento, ajudar a restabelecer as comunicações nas regiões afectadas.

São já quatro os colaboradores portugueses da Ericsson envolvidos nesta iniciativa, sendo que um deles teve já oportunidade de participar activamente numa acção desenvolvida no Paquistão na sequência do sismo ocorrido em Outubro de 2005.

“Este projecto é, em termos da política de responsabilidade social da Ericsson, a jóia da coroa, na medida em que representa a conjugação perfeita entre a aplicação prática da nossa área de negócios e a possibilidade de a colocar ao serviço da humanidade quando ela mais precisa”, afirma Fernanda Tomás.

‘PÔR A MÃO NA MASSA’

Ao nível local, a Ericsson está envolvida em diversos projectos, em áreas tão díspares quanto a educação, a saúde, o ambiente, a cultura, o voluntariado e a acção social.

“Neste domínio, a nossa estratégia passa, essencialmente, pelo ‘fazer acontecer’. Daí que digamos que preferimos ‘pôr a mão na massa’”.

Em Portugal, as acções de responsabilidade social da Ericsson remontam a 2002, ainda que os primeiros tempos tenham ficado marcados por alguma ‘desorientação’.

“Tínhamos imensa vontade de fazer o bem, mas não sabíamos a quem. Por isso, foi com grande satisfação que vimos nascer o projecto municipal ‘Oeiras Solidária’ – inicialmente com outra designação – na medida em que representou a conjugação perfeita entre a nossa vontade de agir e o conhecimento do terreno que a Câmara possui”.

A Ericsson foi uma das 14 empresas que esteve na origem do Programa Oeiras Solidária, iniciativa que teve, na opinião de Fernanda Tomás, o mérito adicional de “fazer com que as empresas colaborassem entre si, o que é muito positivo, porque da união de esforços resultam coisas muito mais interessantes”.

Das acções já realizadas neste âmbito, Fernanda Tomás recorda os apoios concedidos a instituições como a Casa do Parque, a Casa da Encosta (Centros de Acolhimento Temporário que pertencem à Associação Portuguesa para o Direito dos Menores e da Família, da



Fernanda de Melo Tomás, Country Manager da Ericsson.

qual a empresa é sócia) ou a Casa de Acolhimento Temporário de Tercena. Neste âmbito, foram doados às instituições bens destinados à satisfação das suas necessidades prioritárias, tendo ainda decorrido iniciativas de voluntariado interno como as campanhas “Vestir os Miúdos” e “Vestir as Crianças”, acções que permitiram oferecer roupas, calçado e produtos de higiene a mais de 70 crianças, no total.

Os mais novos também estão envolvidos noutro dos projectos de responsabilidade social da Ericsson, denominado de ‘Telecomunicações – Unir Gerações’.

A empresa acolhe, neste caso, grupos de jovens alunos de escolas do concelho e dá-lhes a oportunidade de experimentar as funcionalidades da tecnologia 3G com telemóveis de última geração.

Depois, convida grupos de seniores, aos quais proporciona o acesso ao conhecimento tecnológico e a interação com os novos meios de comunicação.

A última etapa da iniciativa consiste em juntá-los, a todos, e o resultado, é, garantem, extraordinário.

“Temos o exemplo de um casal, em concreto, que esteve cá no primeiro ano da iniciativa e que quando voltou, no segundo ano, nos contou como o conhecimento da Internet tinha permitido eliminar a distância existente entre eles e a filha, que vive no estrangeiro. Este exemplo é bem demonstrativo da forma como a actividade da empresa pode ter um impacto directo e positivo na vida das pessoas”, afirma Fernanda Tomás.

Em Dezembro do ano passado uma acção em particular permitiu envolver a empresa “de todas as formas possíveis”.

Para quem trabalha na Ericsson, ajudar é, mais do que uma questão de oportunidade, uma questão de vontade. Em paralelo com as campanhas pontuais, estão sempre disponíveis dois contentores, onde qualquer um pode, a qualquer momento, depositar roupas e outros bens para doação a famílias carenciadas.



Fernanda Tomás e Magda Cola, uma das colaboradoras afectas ao “Ericsson Response”.

O apoio foi direccionado para uma outra franja da população, os sem-abrigo, no âmbito de parcerias firmadas com os centros de acolhimento de sem-abrigo de Algés e de Paço de Arcos. No Natal, a empresa ofereceu a ceia e os colaboradores providenciaram os cabazes. Cerca de 220 pessoas ajudaram a encher 29 cabazes de Natal recheados de bens de primeira necessidade – incluindo sacos-cama – que foram parar às mãos de quem mais deles necessitava.

De seis em seis meses, a empresa promove, nas suas instalações, uma campanha de recolha de sangue à qual decidiram chamar ‘Herói por um dia’. Uma vez por ano, a iniciativa é alargada à doação de medula óssea.

Este ano, pela primeira vez, a Ericsson lançou o repto de participação aos colaboradores de todas as empresas instaladas na Quinta da Fonte.

EM TODO O MUNDO E... AQUI AO LADO

Para quem trabalha na Ericsson, ajudar é, mais do que uma questão de oportunidade, uma questão de vontade.

Em paralelo com as campanhas pontuais, estão sempre disponíveis dois contentores, onde qualquer um pode, a qualquer momento, depositar roupas e outros bens para doação a famílias carenciadas.

Numa empresa que tem como aspiração maior chegar a todos os povos do Mundo, “por mais recôndito que seja o local onde as pessoas habitam neste planeta”, a ajuda também chega, e chega prioritariamente, a quem está mais perto.

E é neste aspecto em particular que, na opinião de Fernanda Tomás, a cooperação com a Câmara Municipal se tem revelado mais positiva. “Acreditamos mesmo que todos juntos temos a capacidade de fazer coisas melhores. Sendo certo que empresas privadas e sector público têm, cada um, as suas obrigações, estas parcerias público-privadas representam a conjugação perfeita... em benefício da sociedade.”

CENTRO DE ARTE | COLECCÃO
**MANUEL
DE BRITO**



DOS ANOS 10 AOS ANOS 50

MENEZ - EXPOSIÇÃO ANTOLÓGICA

O VÉU DA NOIVA - ANA VIDIGAL e RUTH ROSENGARTEN

28 ABR A 16 SET, TER A DOM, 11H30 ÀS 18H - TEL. 214 111 400 - PALÁCIO ANJOS, ALGÉS



GONÇALO BYRNE

A arquitectura não é só fotogenia

Pelos corredores, um tanto labirínticos, do atelier de Gonçalo Byrne, há um movimento perpétuo de vaivém. Aplica-se aqui, na perfeição, a definição a que o arquitecto recorre com frequência ao falar da cidade: estamos num “contentor de vida”. As dezenas de obras que tem em Portugal e pelo estrangeiro fazem de Gonçalo Byrne, 66 anos, um arquitecto reconhecido internacionalmente.

Natural de Alcobaça foi em Lisboa que construiu a maior parte de uma obra arquitectónica já por duas vezes distinguida com o Prémio Nacional da Arquitectura. Em discurso directo, retrato falado de um homem que gosta de cidades.

texto de Carlos Vaz Marques

fotos de Carmo Montanha

Qual é a sua cidade preferida?

Essa pergunta deixa-me sempre perplexo. Costumo dizer que são todas. É óbvio que estou muito ligado à cidade de Lisboa, que é a minha cidade.

É a sua preferida também em termos arquitectónicos?

Em termos arquitectónicos, em termos urbanísticos, em termos paisagísticos, em termos de luz, de som, em termos poéticos e, sobretudo, em termos de vida, que é aquilo que, em qualquer cidade, está antes. Mas não gosto de eleger uma porque as cidades, para mim, são entidades vivas. Portanto, estão muito profundamente ligadas à vida.

Mas nós também gostamos mais de umas pessoas do que de outras.

Isso é um facto. E, inclusivamente, há pe-

ríodos da vida em que as pessoas também estão doentes. Isso não significa que elas percam interesse. Cabe-nos a nós, arquitectos - mas não só, também a nós, cidadãos - ter uma perspectiva de regeneração. As cidades reciclam-se e regeneram-se.

Vê-se, enquanto arquitecto, como uma espécie de médico de cidades?

Sabe, há um grande paralelismo entre a medicina e a arquitectura. Em vários aspectos. Em termos académicos, não tanto nas questões curriculares, porque são realmente dois mundos diferentes, mas nas questões vocacionais. O curso de Arquitectura, onde a componente vocacional é forte, aproxima-se do de Medicina, nesse aspecto.

O que é que, normalmente, o faz gostar, em especial, de uma cidade?

Obviamente que é a sua grande qualidade espacial. O que, normalmente, corresponde também a uma vitalidade extremamente qualificada.

Em termos práticos, como é que isso se sente na forma como calcorreia uma cidade pela primeira vez?

Olhe, por exemplo, na generosidade e na excelência do espaço público.

O que é que entende por generosidade neste contexto?

As cidades portuguesas são acusadas – com alguma razão – de terem passeios muito estreitos e muito apertados.

Pouco generosos?

Pouco generosos. E depois, logo a seguir – e Lisboa é um caso típico -, passeios que

já não são passeios, que são estacionamentos. Há uma agressividade nesta vivência do espaço público que é, a todos os títulos, negativa.

Qual é a sua primeira preocupação quando visita uma cidade onde nunca esteve antes?

A minha primeira grande preocupação é fazer um reconhecimento de orientação dentro da cidade. Para mim, a surpresa de uma cidade é sempre extremamente gratificante, porque tem uma dimensão fascinante de descoberta.

Depende da capacidade de se orientar nela?

Exactamente.

Tem um bom sentido de orientação?

Felizmente tenho e, para isso, são muito importantes todos os instrumentos de cartografia, os mapas, com que nós trabalhamos.

Vai sempre preparado, com todo esse material, para uma cidade que visita?

Normalmente, quando visito uma nova cidade, se vou de avião, por exemplo, aproveito o tempo do voo para, de certo modo, antecipar a surpresa que vou ter.

Perguntei-lhe pelo seu sentido de orientação porque fiquei muito surpreendido, ao ouvir, no vídeo feito para a sua exposição “Geografias Vivas”, o arquitecto Siza Vieira dizer, a certa altura, que tem um péssimo sentido de orientação. Pode-se concluir, portanto, que essa capacidade de percepção e de apreensão imediata do espaço em que nos movemos não é um requisito essencial da Arquitectura.

Não é, absolutamente. De resto uma das características excepcionais do arquitecto Siza, entre muitas outras, é uma capacidade fantástica que ele tem, de facto, de surpreender.

Também o surpreendeu a si o facto de ele dizer que não tem sentido de orientação?

Essa confissão, de certo modo, surpreendeu-me. Não estava à espera. É claro que

a entendo perfeitamente. E, hoje em dia, acho até perfeitamente normal, numa pessoa como o Álvaro Siza, essa espécie de maravilha. Porque uma certa dificuldade de orientação faz com que, no fundo, se tenha de ter, se calhar, um confronto muito mais lento com a realidade da cidade, muito mais por dentro, porque é uma permanente redescoberta. O não estar orientado...

Permite prazeres que o sentido de orientação não dá?

Exactamente. Porque, de certo modo, não se está precavido.

Quando visita uma cidade pela primeira vez vai à procura de edifícios de referência?

Vou. Continuo a ir. Devo confessar que menos do que quando era bastante mais jovem.

Porquê?

Há uma coisa que eu acho fundamental: a arquitectura vive-se, a arquitectura experimenta-se. A arquitectura não é fotogenia de arquitectura. Embora a fotogenia ocupe, hoje, as páginas centrais das revistas que falam de arquitectura. Mas é fundamental perceber-se a temperatura dos edifícios, o cheiro dos edifícios, o som, os materiais.

Dir-se-ia que isso seria mais uma razão para ir ver e experimentar esses edifícios que conhece apenas das revistas e pela fama que alguns deles acabam por ganhar.

Exactamente. Vou contar-lhe agora o aspecto às vezes um pouco negativo desta experiência: é que, precisamente, a mediação dos edifícios - através de uma fotogenia, hoje em dia empoladíssima, até com métodos virtuais, computadores e não sei o quê - é fundamentalmente visual, deixando de fora todos os outros dados sensoriais. E quando se vai visitar o edifício, muitas vezes, há surpresas negativas.

Dê-me um exemplo.

Vou dar-lhe um em que, se calhar, é injusto o que eu vou dizer...



A arquitectura vive-se, a arquitectura experimenta-se. A arquitectura não é fotogenia de arquitectura. Embora a fotogenia ocupe, hoje, as páginas centrais das revistas que falam de arquitectura. Mas é fundamental perceber-se a temperatura dos edifícios, o cheiro dos edifícios, o som, os materiais.



Vamos deixar entre parêntesis os melindres que isso possa eventualmente causar.

É o caso da loja Prada em Nova Iorque, na zona do Soho. Uma loja que me tinha deixado muito seduzido com as imagens e com os próprios desenhos do projecto. Provavelmente, o que está mal é a mitificação que nós metemos dentro da cabeça, a partir de qualquer coisa que achamos fascinante mas que é estritamente do domínio da imagem. E, quando nos sentimos lá dentro, percebemos que há uma série de outras coisas que não condizem.

Aquilo não corresponde ao glamour que o edifício alcançou?

Não. E sobretudo ao glamour que eu tinha metido na minha cabeça, a partir da comunicação das imagens.

Quando é que sente que conhece bem uma cidade?

Eu diria que é, se calhar, quando deixo de perceber que estou numa cidade em particular. Ou seja, quando a cidade passa a ser

uma parte natural de mim mesmo. Mas o que é fascinante é que as cidades que fazem naturalmente parte de nós mesmos não pararam de nos surpreender.

Já o ouvi dizer que as cidades têm vida própria com ou sem arquitectura. O que é que quer dizer com isto?

Quero dizer que as cidades têm uma dinâmica fortíssima, de uma enorme complexidade. Eu diria que quanto mais perto de nós maior é essa complexidade. A cidade contemporânea é uma instituição de uma enorme complexidade, com uma dinâmica absolutamente extraordinária. Continua a existir mesmo sem arquitectura. Vou dar-lhe um exemplo: a cidade dos clandestinos, de que temos um historial em volta de Lisboa, embora hoje em dia isso esteja um pouco mais controlado. Pois, a cidade dos clandestinos é uma cidade que mostra a sua vitalidade na total ausência de toda a gente.

Está a referir-se à periferia urbana.

Às periferias das Brandoas e por aí adiante,

que foram sendo feitas a partir de iniciativas muito individualizadas. Obviamente, há interesses que estão por detrás, que geram aquela forma de cidade. Muitas vezes os próprios políticos e, sobretudo, os técnicos mais avalizados, estão completamente de fora.

É a isso que chama a cidade sem arquitectura?

É isso. A cidade existe sem arquitectura, não tenho a mais pequena dúvida.

Também acontece as cidades poderem ter vida própria contra a arquitectura?

As cidades podem ter vida própria contra a arquitectura, como é óbvio. Repare, a arquitectura tem, fundamentalmente, a ver com a capacidade de domesticar e projectar, em qualidade, conceitos e ideias que, de certo modo, devem propor a requalificação, a qualidade de vida. Ora bem, em situações onde isso não existe, eu diria que a arquitectura não está presente. Essas situações resultam de outros processos. Resultam



por vezes até de processos assinados por arquitectos.

Podem ser os próprios arquitectos a escapar à arquitectura?

Oiça, eu acho que o tema da qualidade da arquitectura é um tema que não exclui a participação do arquitecto. Nós sabemos que há produções arquitectónicas que pioram a situação pré-existente em vez de a melhorarem. Isso, quanto a mim, é uma das exigências mínimas, essenciais, que eu costumo comunicar aos meus alunos: um projecto só vale a pena vir a ser implementado se melhorar a condição existente; se ele vai piorar a condição existente é preferível que não seja implementado.

A arquitectura é um luxo?

A arquitectura, hoje em dia, também é um luxo. E não só hoje em dia: há períodos na História em que a arquitectura funcionou como um luxo. Como sabe, a arquitectura não existe sem um promotor, sem um cliente. Os clientes mais conhecidos podem ser

os príncipes italianos do Renascimento, os grande mecenas...

Ou, hoje em dia, as grandes empresas que têm os seus edifícios próprios.

Exactamente. Ou os autarcas, os políticos que muitas vezes buscam a arquitectura como afirmação de um poder pessoal. Frequentemente, com essa componente – não diria tanto do luxo – mas do monumento. Uma suposta monumentalidade que não corresponde, muitas vezes, a um valor real e é pouco mais do que a projecção, a enfatização de alguém que se quer auto-promover. Muitas vezes, até os próprios arquitectos. Há muitos edifícios que eu considero que são monumentos a si próprios, monumentos a arquitectos. Hoje em dia, há uma grande tendência para a arquitectura que vira capacidade de promoção do estrelato da arquitectura. O que eu acho um fenómeno que não é totalmente imputável aos arquitectos. É um fenómeno que resulta, obviamente, da sociedade da mediatização em que vivemos.

Costuma dizer que a obra é mais importante do que o projecto e que o projecto é mais importante do que o autor. Esta hierarquia está ameaçada?

Essa hierarquia, hoje em dia, está muito erodida. Não consta dos circuitos da comunicação mais difundidos.

Nem mesmo no meio da arquitectura?

Eu diria que isto também afecta o meio da arquitectura. E afecta-o de uma maneira bastante visível: como sabe, no meio da arquitectura – nas revistas de arquitectura, por exemplo – há um culto do chamado *glamour* da obra. Que é o quê? São processos de redução da arquitectura a elementos mais visíveis, fundamentalmente à componente visual, à componente imagem.

Qual é o maior perigo desse processo de estrelato que está em curso na arquitectura?

A minha opinião, se a quiser em duas palavras, é que isso distancia a prática da arquitectura, a própria produção dos edifícios e dos espaços públicos, da vida real das

peças. Eu não estou a dizer, com isto, que não haja uma dimensão experimental, que é fascinante e que não haja um caminho de descoberta, na própria arquitectura, que é fundamental. Muitos dos arquitectos do *star-system*, para mim, são arquitectos com imenso mérito e com imenso valor. É claro que há uns mais do que outros, mas isso já tem a ver com uma relação pessoal. O que acontece é que passam a ser – e isso é outro grande risco da mediatização e do *star-system* – referenciais para a produção da obra de arquitectos ou mais jovens ou mais imaturos.

O que me está a dizer é que há uma espécie de perigo de contágio.

Exactamente. Perigo de contágio que se traduz num enfraquecimento da qualidade intrínseca das obras. É o chamado fazer à *maneira de*. O que descola da investigação sobre o próprio projecto.

Observa isso, na prática, actualmente?

Muito.

No seu caso, como é professor, tem à sua frente alunos, os futuros arquitectos - tanto em Portugal como em diversos outros países onde dá aulas regularmente. Sente que há, nas escolas de arquitectura, essa tendência frequente de fazer à *maneira de*?

Se quer que lhe responda honestamente, é uma tentação que existe, muito forte, mas sobretudo nos alunos mais fracos. Isso é um dos aspectos que, no ensino da arquitectura, no ensino do projecto, é extremamente complexo. A arquitectura sempre teve uma componente de auto-didactismo muito forte e, felizmente ou não, em geral os melhores alunos de arquitectura têm essa faceta muito forte. Curiosamente, esses são os que correm menos esse risco.

Os auto-didactas, aqueles que aprendem por si próprios?

Aqueles que estão por dentro do processo e que, provavelmente, têm aquilo a que já há pouco chamámos vocação. São alunos

que, portanto, conseguem um envolvimento directo e muito pessoal com as obras que estão a fazer. É claro que essa *imagerie* gira e está patente, faz parte do mundo. Não tenho uma posição de condenação disso, por si só. Isso acontece hoje em tudo, não é só na arquitectura. É em todas as artes: a multi-cultura, a multi-expressividade, o cosmopolitismo que resulta da própria migração, da mobilidade das pessoas. O que é importante é que dentro dessas tendências se procure uma exigência ética e uma exigência de qualidade. E sobretudo uma consciência do que se está a fazer.

Um dos perigos a que se tem estado a referir é aquilo a que já chamou, noutra ocasião, a ditadura da imagem: é isso que determina a imposição do estelato na arquitectura?

Como sabe a ditadura da imagem, hoje em dia, existe. Não lhe chame ditadura, chame-lhe omnipresença, se quiser. A imagem é, se calhar, o veículo cultural e comunicacional mais forte da nossa contemporaneidade. Isso é muito importante na arquitectura. A arquitectura lida com imagens, a arquitectura propõe imagens. Mas não é a única condição da arquitectura.

Nem é a principal?

A visualidade é muito importante, estou de acordo. É fundamental até na comunicabilidade. Mas não é a única. Quando eu falo no problema e na ditadura da imagem é porque ela cria mecanismos de auto-exclusão das outras. Se não há consciência na maneira de lidar com as imagens, há uma tentação muito forte de o exercício do projecto se reduzir exclusivamente a uma manipulação imagética. Isso é, obviamente, afastarmos da arquitectura. A arquitectura é vida, a arquitectura é uso, a arquitectura é construção, a arquitectura é cultura, obviamente, e a arquitectura é ética.

Vamos pôr as coisas em termos muito concretos, quase corriqueiros: um edifício tem qualidade arquitectónica por si próprio, independentemente do lugar onde venha

A arquitectura é vida, a arquitectura é uso, a arquitectura é construção, a arquitectura é cultura, obviamente, e a arquitectura é ética.

Eu vejo - de uma maneira, se quiser, muito empírica – que Oeiras, em comparação com o que se tem passado nestes concelhos à volta de Lisboa, tem conseguido produzir um reforço da sua centralidade em relação a uma série de opções de planeamento: captar iniciativas.

a ser construído, ou uma obra excepcional, por exemplo em Huston, no Texas ou em Tóquio, no Japão, poderia tornar-se em Lisboa um mamarracho?

Isso é uma questão eterna, não é de hoje. Um edifício tem qualidades próprias. Um edifício bem feito tem que ter coerências muito fortes, dentro de si.

Independentemente de estar em Tóquio ou em Lisboa.

Sim. Isso é uma qualidade intrínseca da arquitectura. Mas não é a única. Há outra. A outra é que não há edifícios isolados. Os edifícios relacionam-se, sempre.

Não gosta da arquitectura dos objectos únicos e singulares, que é hoje uma tendência também cada vez mais presente?

O que eu costumo dizer sobre isso é que aquilo a que os ingleses chamam o *self-referencial* ou, se quiser, que o edifício que actua exclusivamente como auto-referente é, também, uma condição que existe na cidade mas é, por exemplo, a condição do monumento. Ou é, por exemplo, a condição do edifício icónico. Não tem que ser a condição de toda a arquitectura.

Mas não rejeita o edifício icónico.

Não o rejeito de todo.

Estou a lembrar-me, por exemplo, de um edifício como a Casa da Música, no Porto.

Não, não rejeito a condição icónica da arquitectura. O que eu digo é que esse edifício está sempre inserido num relacionamento. Mais ainda: digo que a importância da arquitectura existe tanto na coerência do edifício como também no espaço de relação entre os

edifícios. Isso também é matéria da arquitectura. O edifício vai sempre transformar qualquer coisa que existe e, portanto, essa noção de pré-existência - que, de algum modo, vai ser mexida - é um conceito essencial na arquitectura. Acho que o edifício não tem de estar cegamente dependente do contexto - como se chegou a dizer, sobretudo entre os arquitectos historicistas, para não referir os historiadores da arquitectura, que têm essa tendência muito viva - mas o edifício também pode construir contexto e deve construir contexto.

Abrindo rupturas que levam, depois, a outras leituras daquele espaço?

Não têm de ser, obrigatoriamente, rupturas. Há condições em que admito que um edifício possa abrir rupturas - são sempre condições de excepção, em meu entender - mas não tem de se ir por aí. Provavelmente, o mais interessante é pegar no existente e acrescentar valores. Valores que são sempre, obviamente, marcados pelo quotidiano. Ou seja, a arquitectura, como eu costumo dizer, está condenada a ser sempre contemporânea. Não no sentido da contemporaneidade do historiador mas no sentido em que deixa sempre algum sinal do seu próprio tempo. Mesmo que esse sinal seja a querer imitar o passado.

Qual é, hoje, o principal inimigo da arquitectura?

Em poucas palavras, eu diria que é a ideologia do marketing, que comprime o tempo, pragmatiza em excesso a necessidade das decisões e torna, portanto, muito mais difícil o exercício de uma profissão que necessita de maturação.



“O NÚCLEO HISTÓRICO DE OEIRAS ESTÁ MAIS VIVO DO QUE A BAIXA DE LISBOA”

Com a maior parte da obra construída em Lisboa, o arquitecto Gonçalo Byrne tem também dois projectos concretizados em Oeiras - o edifício do Laboratório do Instituto de Tecnologia Química e Biológica e a torre de controlo da Administração do Porto de Lisboa - e uma experiência positiva no relacionamento com o concelho. Embora não o visite com frequência.

Que retrato tem de Oeiras em termos urbanísticos?

Vou contar-lhe uma história que, se calhar, não tem ainda muito a ver com a imagem visual de Oeiras. Eu tenho tido muitos projectos na Câmara de Lisboa e alguns na Câmara de Oeiras. Como sabe, os projectos, para serem licenciados, têm de passar por uma série de processos de apreciação. Em Lisboa, os prazos desses processos são não só imprevisíveis como têm durações médias longuíssimas. Em Oeiras, pelo menos nas experiências que eu tive, os prazos de apreciação têm durações curtas para não dizer mesmo aquelas que estão previstas na lei.

Essa frase, só por si, já indicia que a lei, nesta matéria, não costuma ser levada a sério por ninguém.

A lei estabelece 90 dias para aprovar o licenciamento de um projecto de construção. Em Lisboa não tenho um único caso que tenha sido cumprido nos 90 dias. Tenho vários casos que oscilam entre três e quatro anos.

Isso tem reflexo na forma como a cidade se faz?

Tem reflexo na forma como a cidade não se faz. Desacredita as instituições.

Voltemos ao retrato urbanístico de Oeiras.

A imagem que eu tenho é uma imagem muito superficial. Como não circulo muito, a informação chega-me mais pela imprensa.

Quer dizer que, apesar de ter obras em Oeiras, não visita Oeiras regularmente?

Tenho visitado, mas não muito regularmente. Há coisa de uma semana estive lá, depois girei ali pelo núcleo histórico, fui apanhar o comboio e vi que há muita coisa que mudou. Não consegui ver ainda o *monorail* que, tenho lido, provoca alguma polémica. Por outro lado, creio que o núcleo histórico de Oeiras – que tem a vantagem de não ser muito grande – está

mais vivo do que a Baixa de Lisboa. A Baixa de Lisboa está completamente moribunda. Não percebo como é que tocou tão fundo. Eu vejo - de uma maneira, se quiser, muito empírica - que Oeiras, em comparação com o que se tem passado nestes concelhos à volta de Lisboa, tem conseguido produzir um reforço da sua centralidade em relação a uma série de opções de planeamento: captar iniciativas.

Das duas obras que tem construídas no concelho de Oeiras a qual delas está mais ligado?

Sinto-me muito ligado às duas. Embora a torre de controlo do Porto de Lisboa tenha vindo a ser uma obra muito mais mediática. Mas isso são argumentos que, a mim me ultrapassam.

A torre tornou-se no principal ícone da sua obra. Contra sua vontade ou com a sua aprovação?

Desde o início, com as primeiras decisões, ainda na fase de concurso, para mim e para todos os que trabalharam no projecto foi muito claro que aquela era uma obra que tinha condições para se transformar numa obra singular. É, sem dúvida, a obra mais auto-referente de todas as que eu fiz até hoje. É uma obra que tem sido muito mediatizada. Até na revista Wallpaper - uma revista de *glamour* mundial, que mistura moda, design, automóveis e arquitectura - até aí já saiu. O que quer dizer que acharam que tinha esse tal *glamour*. Não é que isso, para mim, seja muito importante.

A torre tem uns cinco anos. O seu outro edifício no concelho - o Laboratório do Instituto de Tecnologia Química e Biológica, dentro do perímetro da estação agronómica de Oeiras - é muito anterior?

É um edifício que tem mais de uma década. Já nem sei quantos anos, ao certo. Voltei lá recentemente com os meus alunos do departamento de Arquitectura de Coimbra - há cerca de dez anos que não o visitava - e foi, para mim, uma surpresa muito gratificante ver um edifício tão estimado e habitado de uma maneira tão construtiva.

A relação com a zona envolvente ainda é a mesma de quando o projectou?

Não. Já há modificações. Aí, devo dizer que há aspectos, para mim, menos gratificantes. Quando nós fizemos aquele edifício, a pedido da direcção da estação agronómica de Oeiras, também fizemos um plano de envolvimento e de urbanização da estação e esse eu vi que não está a ser seguido. É pena.

Percebeu porque é que o plano não foi levado por diante?

Não percebi porquê mas imagino que tenha uma história não muito diferente daquilo que é, infelizmente, do nosso dia a dia. A história habitual é os planos terem, em Portugal, uma vida difícil porque as pessoas mudam continuamente de ideias ou de interesses.

Ou porque mudam as pessoas, provavelmente.

Exactamente. Basta mudarem as pessoas. Não há a mais pequena ideia de que actuar sobre o espaço público implica convergência de esforços. Um plano é, fundamentalmente, isso: um plano é criar a longo prazo objectivos comuns, estratégias comuns.

Quer dizer que o ciclo político é muito mais rápido do que o ciclo urbanístico.

Sim. O ciclo político é claramente curto para quem fala em território e em cidade. Quando se fala da planificação ou da definição de estratégias quer a nível do território, quer a nível da cidade, de facto, não se pode andar a jogar no curto prazo. ■

[ESPECIAL]



2007

Ano Europeu da Igualdade
de Oportunidades para Todos



[ESPECIAL]

- *Este ano comemoramos o Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para todos. Imbuídos neste espírito, quisemos dar a conhecer o trabalho da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Oeiras.*

Esta Comissão, presidida pela Dr.ª Maria da Luz Duque, para além do trabalho que resulta das suas competências, realiza uma série de iniciativas que vão ao encontro da população de forma a sensibilizar comportamentos e atitudes. Foi esse trabalho que quisemos dar a conhecer para que todos tenham conhecimento do que é e para que serve a Comissão que tem vindo a construir um caminho, com entusiasmo e competência, apoiando as famílias e as crianças, de uma forma articulada e com estratégias criativas.

—



COMISSÃO DE PROTECÇÃO

de Crianças e Jovens de Oeiras na promoção da felicidade

texto de Carla Rocha
fotos de Carlos Santos

A 'Oeiras em Revista' encontrou-se com Maria da Luz Duque, presidente da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Oeiras (CPCJ), imbuídos no espírito de tentarmos saber o que fazem e como fazem e que papel, preponderante têm na sociedade.

O conceito define a CPCJ como uma instituição oficial não judiciária com autonomia funcional que promove os direitos da Criança e Jovem e previne ou põe termo a situações de perigo. Ou seja, os objectivos desta comissão visa afastar do perigo em que se encontram as crianças e jovens proporcionando-lhes condições para promover e proteger a sua saúde, segurança, formação, educação, bem-estar e desenvolvimento integral.

Consideram-se crianças todos os indivíduos dos zero aos dezoito anos. Assegurar um crescimento são, nos mais variados

sentidos, é uma função das Comissões de Protecção, mas também da sociedade. E é aqui que reside uma grande parte do esforço da CPCJ de Oeiras, ao querer alargar as suas competências para um vasto leque de indivíduos e instituições. Na verdade, quantos mais formos a olhar, a saber ver o que de errado se pode passar na esquina que se forma à nossa frente, na casa da vizinha, no universo em que vivemos, mais serão as probabilidades de 'salvarem' crianças de um presente e futuro doloroso e pouco fertilizado.

A CPCJ intervém a partir do conhecimento de situações que envolvam crianças ou jovens em perigo, com base numa informação ou participação por parte de um qualquer dos membros CPCJ, de familiares da criança ou jovem, de qualquer membro da comunidade ou da própria criança ou jovem.

Esta mesma participação pode ser feita pessoalmente, por escrito, por fax ou via telefónica. Maria da Luz sorri acentuando que não interessa a maneira como os informam de determinada atitude, importa é que o façam. Uma sociedade activa e interessada, é de vital ajuda para que a actuação da CPCJ seja pejada de sucesso. Maria da Luz exprime-se com segurança, mantendo uma voz consistente quando vai dissecando, um a um, os factos que fazem actuar a CPCJ, ou seja, quando é que uma criança está em perigo: «*existem vários factores nomeadamente quando uma criança é abandonada, entregue a si própria, quando sofre maus-tratos físicos ou é vítima de abusos sexuais, um outro factor de intervenção é quando a criança não recebe os cuidados ou o afecto adequado à sua idade e situação pessoal. Também intervimos quando a criança é*

O mundo da CPCJ não é um universo fácil. Quem trabalha de perto com famílias disfuncionais, crianças abusadas, jovens em desequilíbrio, nem sempre consegue acabar o dia e desligar-se, mas é um preço que pagam em prol de um mundo melhor, de uma humanidade mais feliz e com maior respeito pelas suas crianças e jovens.



obrigada a trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento». A CPCJ está atenta aos mais variados factores de distúrbio que podem advir dos mais variados sítios, muitas vezes, situações recorrentes de atitudes da própria criança: «Temos de actuar quando a criança assume comportamentos ou entrega-se a actividades ou consumos que afectem gravemente a sua saúde, segurança, educação, formação ou desenvolvimento integral sem que os pais, representantes legais ou detentores da guarda de facto, procurem alterar a situação. Nesse caso, naturalmente que somos nós que temos um papel fundamental de actuação».

O papel de intervenção da CPCJ é dirigido a vários intervenientes da sociedade, mediante o grau de problemática existente. A intervenção para a promoção dos direitos e protecção da Criança / Jovem tem lugar quando os pais, representante legal ou quem tenha a guarda de facto, ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou

desenvolvimento integral, ou ainda, quando esse perigo resulta da acção ou omissão de terceiros ou da própria criança ou jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo. As medidas que se podem aplicar resumem-se a seis, ou seja: apoio junto dos pais, apoio junto a outro familiar, confiança a pessoa idónea, apoio para autonomia de vida, acolhimento familiar e acolhimento em instituição. Valorizando sempre a relação interpessoal e familiar, as medidas vão tornando-se mais drásticas na medida em que a problemática é crescente. Todo o processo de promoção dos direitos e protecção da criança e jovem em risco é um processo complexo e dinâmico e pode-se dizer que cada caso é um caso. As fases de todo o processo de intervenção junto da criança e jovem em perigo devem ser de cuidados múltiplos, tal como afirma Maria da Luz: «Logo na detecção de situações em risco ou perigo que pode ser efectuada pelos mais diversos agentes da sociedade, por vezes trata-se de situações tão complexas na identificação de uma situação em risco

ou de perigo que muitos casos não são de imediato detectados acabando por sê-lo tardiamente, outros existem que apesar de detectados, não são sinalizados».

O mundo da CPCJ não é um universo fácil. Quem trabalha de perto com famílias disfuncionais, crianças abusadas, jovens em desequilíbrio, nem sempre consegue acabar o dia e desligar-se, mas é um preço que pagam em prol de um mundo melhor, de uma humanidade mais feliz e com maior respeito pelas suas crianças e jovens.

Afinal, trata-se de apostar no futuro, um futuro melhor. E devemos ter consciência que todos, absolutamente todos nós, temos um papel activo na sociedade e devemos utilizá-lo não só como observadores atentos, mas também, em caso de necessidade, com obrigação de sinalização de casos problemáticos. ■

CPCJ - Rua António Macedo, 2A e B
Bairro do Pombal
2780 Oeiras
214 416 404 | 214 418 220

CONVERSANDO como pais

texto de Carla Rocha

Falamos com a Prof.^a Luisa Carrilho da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Oeiras (CPCJO) nomeadamente da comissão alargada, sobre o projecto 'Conversando como pais' do qual é coordenadora. Este projecto visa, acima de tudo, alimentar conversas entre pais de forma a colmatar duvidas e orientar quem, por vezes, se sente desorientado no papel de progenitor.

Luisa Carrilho é voluntária da CPCJ e entendeu, quando a vida lhe permitiu pela maior disponibilidade de tempo, ajudar aqueles que, com a sua formação, poderia ajudar: «Fiz um doutoramento na área da psicologia do comportamento desviante e como tal sempre foi uma área que me interessou. E no meu doutoramento tive oportunidade de entrevistar famílias em todo o país. Eu já sabia que a problemática da delinquência passa muito pelas famílias, até porque sou terapeuta familiar. E tive, nesse meu andar pelo país, oportunidade de constatar uma vez mais isso mesmo. Por outro lado, faço psicologia clínica. Sempre me interessei por esta temática. Estou numa fase da minha vida em que tenho mais disponibilidade. Os filhos estão crescidos, já não têm tanta necessidade dos nossos cuidados, e como tal tinha, neste momento, a possibilidade de me entregar a esta causa». Abraçou esta causa há menos de um ano e move-a a convicção de que é possível ajudar aqueles que sentem necessitar de ajuda. Integrou a Comissão Alargada e lidera o projecto 'Conversando como pais': «enquanto membro da Comissão Alargada o que a presidente da) Comissão achou que era interessante eu desenvolver, foi fazer terapia familiar às famílias que de alguma forma estão

ligadas à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens. E faço-o às famílias que os membros que estão na Comissão Restrita indicam, porque consideram que seria importante a intervenção sobre aquelas famílias. É isso que faço. Em determinada altura foi determinado que seria importante que se formassem grupos de trabalho para se desenvolverem várias acções na CPCJO. Os grupos formaram-se de acordo com as motivações de cada um. E eu integrei o grupo que tem a ver com a família, porque tenho essa motivação, tal como os outros elementos que estão neste grupo que demos o nome 'Conversando como pais'. Na altura em que os grupos foram formados, foi eleito um coordenador do grupo, pelos membros do grupo e no caso do nosso grupo, fui eu a eleita».

O grupo que se formou à volta deste projecto é constituído por elementos de vivências distintas: «este é um grupo heterogéneo, ou seja, formado por pessoas com diferentes formações, nomeadamente enfermeiras, psicólogos, assistentes sociais, sociólogos, temos um chefe da PSP, o que eu penso que seguramente engrandecesse o grupo pela diversidade que tem. E isso só é bom».

E o que é que o grupo pretende realizar? «O que considerámos importante em primeiro plano, foi divulgar a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Oeiras. E o que é que queremos dizer com 'divulgar'? Nós sentimos que a comunidade não a conhece, tão bem quanto seria desejável. E há pessoas que conhecem, mas não de uma forma que seja adequada. E conhecem ou porque há uma queixa na polícia, ou são chamadas a tribunal... eu diria que nós gostaríamos



Nós vamos até onde for preciso, marcando mais intervenções, se caso for. Queremos que a população saiba que nós, os técnicos, estamos disponíveis para ir ao seu encontro.

de tirar da cabeça da população o preconceito que vem associado à Comissão. Por exemplo, nós temos um pai ou uma mãe que não estão a ter a melhor forma de agir com os filhos e são chamados à Comissão. Por vezes vão, se são coagidos, ou vão porque têm medo de represálias que possam advir em termos legais e este não é um bom começo para trabalharmos com as famílias. Por outro lado, em Portugal há uma ideia generalizada de que todas as crianças estão melhores com a família e nem sempre isso é verdade. Há famílias que não têm competências parentais suficientemente desenvolvidas. Têm competências que não foram desenvolvidas. Então, muitas pessoas não tendo as competências desenvolvidas, nós temos de trabalhar no sentido de as desenvolver. Não vale a pena a dar cursos aos pais e mães. Isto só funciona com trabalho psicoterapêutico. Quando as pessoas dizem. 'tudo se cria', não é verdade. Às vezes cria-se com grandes sequelas. E nós temos de ajudar essas pessoas».

Luisa Carrilho fala calmamente, mas convicta de cada palavra que pronuncia. A ajudá-la está, sem dúvida, todo um trabalho realizado junto de famílias ao longo dos anos. Sente-se como peixe na água e move-a o desejo de ajudar quem precisa e não tem, muitas vezes, dinheiro para consultas: «Nós pensamos que seria importante ajudar, fazer este trabalho junto de famílias, mas nunca de forma coagida. E como poderíamos fazê-lo? Então, resolvemos ir ao encontro das

Juntas de freguesia para em conjunto desenvolvermos este projecto. Eles, com um papel de sensibilização da população e nós, disponibilizando-nos para falar com a população que decida ir ao nosso encontro. As Juntas têm uma proximidade ao povo muito importante e que não podemos, de maneira alguma, dispensar. Então, agendamos aquilo a que chamo conferências no sentido de 'conversando como pais', porque nós somos pais e eles são pais e desejamos trocar ideias e efectuarmos esclarecimentos».

Toda a população está convidada a participar e vão todos os que desejam. É totalmente gratuito e realizado a horas que vão ao encontro de todos os que trabalham. Estas conferências vão acontecer nas Juntas de freguesia: «Não temos a veleidade de acharmos que toda a população vai, mas se alguns forem e passarem a palavra e outros possam ir a uma segunda sessão, então estamos no bom caminho». No fim da nossa entrevista, Luisa Carrilho pousa a pasta que a acompanha e afirma, sempre com o seu ar sereno e compenetrado: «Nós vamos até onde for preciso, marcando mais intervenções, se caso for. Queremos que a população saiba que nós, os técnicos, estamos disponíveis para ir ao seu encontro». A disponibilidade de quem leva a vida a tentar ajudar o próximo. ■

Para mais informações contactar:

Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Oeiras. Tel - 214 416 404

PELO SONHO é que vamos

texto de Carla Rocha

O projecto 'Pelo Sonho é que vamos' é uma parceria da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Oeiras e a Câmara Municipal de Oeiras, mais precisamente o Departamento de Habitação. Os objectivos deste projecto consistem numa articulação mais chegada entre os técnicos da autarquia que trabalham nos bairros Sociais de Oeiras e os técnicos da CJCJ Oeiras de forma a diminuir o número de sinalizações que chegam a esta última.

À CPCJ de Oeiras chegam sinalizações de crianças que habitam em bairros de realojamento onde há técnicas do Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Oeiras (CMO). Estas técnicas, muitas vezes, não têm conhecimentos das crianças provenientes dos 'seus bairros' sinalizadas à CPCJ, não tomam parte na sua sina-

lização nem articulam com os serviços de 1ª linha com competências em matéria de infância e juventude. A finalidade deste projecto visa rentabilizar, em prol das crianças e jovens, a mais valia que consistem as equipas de CMO que trabalham no terreno nos bairros Sociais e o conhecimento que estas têm das famílias aí residentes. Numa relação consertada espera-se diminuir os números de sinalizações à CPCJO de crianças residentes nesses mesmos bairros. Este projecto tem a duração de dois anos, a começar no ano corrente.

Quanto mais intervenientes da sociedade se unirem na promoção do bem-estar das suas crianças e jovens, menores serão os riscos de situações com final infeliz. ■



O AMOR é um chapéu novo

texto de Arq. Luís Maria Rodrigues Baptista
fotos de Carlos Santos e Luís Maria Rodrigues Baptista

Parti para o espaço à procura de fragmentos urbanos passíveis de serem essencializados do ponto de vista do amor, com o único critério de que tinham de ser boa arquitectura.

Caminhei por muitos espaços do nosso concelho e à medida que os percorria projectava neles situações ideais de vida.

Passei-me por jardins e palácios, fábricas e bairros, igrejas e museus e pela beira do mar. Conversei com quem passava.

Numa espécie de estado mágico em que me deixava envolver, tentava pressenti-los do ponto de vista das ligações humanas que tinham na sua essência e das consequências que essas ligações podiam ter no aparecimento de programas de arquitectura valorizadores do concelho.

A frase do poeta espanhol Federico Garcia Lorca, “A morte é um par de sapatos novos”, repetia-se a si própria no interior do meu corpo à medida que andava e o cansaço subtilmente fortificava-me.

O pensamento de que qualquer história de amor, tem sempre na sua origem uma circunstância espacial, mais ou menos intensa, que contribui para o agravamento desse sentimento era o mote desta minha saída para o espaço, que começava a ganhar corpo.

Em qualquer história de amor, há sempre um espaço de encontro, um pretexto objectual ou um lugar, que serve de suporte desde o início de qualquer sentimento, à manutenção e agravamento das emoções dos apaixonados.

Pensei no clássico do amor, Romeu e Julieta, que apesar de todas as dificuldades, não seria o mesmo, sem o pátio e a varanda da casa de Julieta.

Muitos são os exemplos ao longo da História, de narrativas do sentir, que perduram no tempo, associadas sempre às suas particularidades espaciais:

- O primeiro e único encontro de Dante e Beatriz, aconteceu numa das belas pontes de Florença.
- As histórias de amor medieval e provençal nasceram do encontro dos amantes em fontes, em alcovas ou bibliotecas.
- As histórias de amor entre príncipes e princesas não teriam sido as mesmas sem os contrastes espaciais, entre o castelo, a corte, o convento, o casebre ou a floresta.

- As histórias de amor envolvendo artistas, com resultados visíveis nas suas obras como no caso de pintores, escultores e escritores não tinham sido possíveis sem os cabarés, os prostíbulos, as casas de passe, os locais de veraneio repleto de banhistas, os opiáceos, as prisões e os cafés de tertúlia.
- Hitler enclausurou a sua “Bella Bionda” Eva Braun na fortaleza de Berghof para uso exclusivo do amor que julgava sentir.
- Simone Beauvoir espreitava da sua janela o café onde viria a conhecer aquele que foi o seu eterno amante: Jean Paul Sartre.
- John Lennon e Yoko Ono fizeram de uma bela casa branca o hino do seu amor.

A maior parte das belas histórias de amor que chegaram até nós, foram contadas e vividas em situações de espaço especiais, que permitiram aos amantes intensificar e qualificar o seu estado amoroso. O espaço enquanto suporte de todas as acções da Vida, encontra no Amor a força mais revolucionária que o pode transformar, essencializar e substancializar, do ponto de vista social, cultural e político.

NOVA OEIRAS

Enrodilhado nestes pensamentos, ao longo de vários dias, depois de muitos quilómetros percorridos pelos meandros do concelho, acabei por me aventurar na bela “ilha verde” de Nova Oeiras, repleta de condições modernas, naturais e construídas, para ser o palco e o suporte da vida de todos os amantes.

Nova Oeiras, projectada entre 1953 e 1954, pelo arquitecto modernista do Estado Novo, Luis Cristino da Silva e pelo arquitecto paisagista Gonçalo Pereira Ribeiro Telles, construída entre 1955 e 1962, é um dos conjuntos urbanos modernos notáveis do nosso país, que põe em prática as quatro funções principais do urbanismo moderno, mais concretamente da cidade funcional: habitar, trabalhar, recrear-se e circular, citadas na famosa Carta de Atenas, redigida por Le Corbusier em 1933 a partir de discussões travadas entre os participantes do IV CIAM (Congrès Internationaux d` Architecture Moderne), que ocorreu a bordo do navio “Patris II”, numa travessia entre Marselha e Atenas.

Nova Oeiras, é uma ilha, em forma de pétala, raiada de caminhos pedestres e viários, dentro da realidade urbana do nosso concelho, onde esse navio atracou e nos deixou pela mão dos projectistas referidos, a prática e o usufruto de alguns dos seus mais valiosos princípios, que colocaram em causa o modo de fazer cidade tradicional.

Envolta em espaços verdes, vigiada por 6 torres triangulares, de nove pisos, espanta os destemidos que nela se aventurarem, pela qualidade das possibilidades de espaço e de vida que alberga no interior.

Aí podemos encontrar amplas galerias de circulação e toda uma estrutura de percursos pedonais e espaços verdes que ligam os 3 principais blocos de habitação existentes, ao coração do conjunto urbano edificado: o Centro Comercial, que se organiza em torno de um espaço arborizado, colectivo e híbrido simultaneamente praça, pátio e claustro.

A maior parte das belas histórias de amor que chegaram até nós, foram contadas e vividas em situações de espaço especiais, que permitiram aos amantes intensificar e qualificar o seu estado amoroso.

O espaço enquanto suporte de todas as acções da Vida, encontra no Amor a força mais revolucionária que o pode transformar, essencializar e substancializar, do ponto de vista social, cultural e político.



Ocupado por lojas, ao nível do piso térreo e por habitações ao nível do 1º piso é inter/mediado e enriquecido por uma delicada estrutura cinematográfica de fazer espaço e tempo: uma galeria coberta, ritmada por elegantes pilotis revestidos a pastilha cerâmica em tons de azul, que não toca nas edificações circundantes e que acentua e sintetiza toda a ambiência de percursos, natural e intimista, religiosa e divina, criada em todo o conjunto urbano edificado.

Desta estrutura de espaço podemos assistir ao acto mágico da passagem do tempo, à medida que nos deslocamos ou permanecemos nela. É um dispositivo de imagem, de iluminação natural e artificial, de articulação e enquadramento da paisagem, permitido pelas cambiantes de luz e de sombra que ao longo do dia vemos atravessar e reflectir toda esta estrutura. Neste espaço estamos em presença não só de uma máquina de habitar mas também de uma máquina da visão criadora de luz, tema tão caro ao pai do movimento moderno: Le Corbusier que definia a Arquitectura, como o jogo sábio, correcto e magnífico dos volumes dispostos sob a luz.

Podemos ainda encontrar neste centro, ligada fisicamente a esta galeria coberta, a antiga Estalagem “Nova Oeiras”. Com painéis de azulejos do pintor Rogério Ribeiro nas suas paredes, foi outrora elemento de atracção de visitantes. Ocupada clandestinamente depois do 25 de Abril, foi posteriormente transformada no actual Centro de Reabilitação, Nuno Belmar da Costa, da Associação de Paralisia Cerebral, que imprime uma nova dinâmica de uso a todo este espaço.

O número de intervenções e ampliações a que todo este conjunto já esteve sujeito pode ser lido cronologicamente numa placa colocada à entrada deste centro de reabilitação, bem como o nome dos seus diversos autores.

“Nova Oeiras foi o 1º Centro Comercial do País!” Facto bem frisado nas palavras de Dona Bernardete, que podemos encontrar na lavandaria, onde trabalha há quase três décadas, pronta a recordar a vida que aquele bairro já teve, o Banco Espírito Santo que existiu na esquina em frente e o cinema que esteve previsto mas que não se construiu. Dona Bernardete fala com saudade e orgulho dos tempos vivos que o bairro já teve, e com esperança dos tempos que hão-de vir, porque a “ilha” de Nova Oeiras está em obras. Mas onde mesmo assim, podemos encontrar em funcionamento espaços, como uma pequena cafetaria, uma agência de correios, um barbeiro, um atelier e uma papelaria, entre outros.

Podemos encontrar também, à medida que nos deslocamos a memória do que já foi aquele espaço, através de um sem número de antigos residentes deambulantes, ávidos por contar e reclamar a vida que outrora já ali tiveram. Sabem tudo sobre o espaço que habitam. Conheceram os projectistas. Conhecem os princípios que presidiriam à elaboração do plano residencial de que fazem parte. Têm histórias e experiências que são património vivo indiscutível daquele lugar. Encontram-se à espera do novo futuro enquanto vagueiam pelos espaços em obras, onde projectam a memória que guardam

religiosamente e oferecem generosamente a quem passa, através dos seus pontos de vista sobre o que se está ali a acontecer.

Aqui o tempo recua para poder avançar de novo. Depois das obras em curso, “Para que as coisas mudem é preciso que tudo fique na mesma”, frase célebre de Luchino Visconti, no filme “O Leopardo” de 1963, época de construção do bairro.

Em Nova Oeiras cada um dos blocos de habitação está intimamente relacionado com o sol e devidamente afastado dos outros.

Elevados do solo, através de pilotis de betão, ao nível do piso térreo vazado, enquadram e dão continuidade física e visual aos espaços verdes em redor, e servem de abrigo ao automóvel e aos novos amantes povoadores destes espaços, tão ansiosamente esperados, por quem por aqui habita.

O campo visual desafogado, a manutenção/criação do espaço íntimo de cada habitante, a possibilidade de uso de um amplo espaço público, e a coabitação de classes sociais distintas prevista desde o início, apanágio deste plano residencial, são algumas das condições favoráveis de vida que este lugar de vivência consolidada, tem vindo a oferecer ao longo de quase meio século e, por certo, continuará a oferecer a todos aqueles que por aqui se aventurarem e quiserem permanecer.

Foi num desses espaços, da “Ilha” de Nova Oeiras, elevados do chão e de enquadramento da paisagem, repleto de pilotis (símbolos estruturais maiores do movimento moderno), que se confundem com os troncos das árvores em redor; num desses blocos habitacionais, na altura vazio de carros, que me atrevi a projectar o encontro que a seguir apresento, com o objectivo de pôr em prática num fragmento urbano por mim eleito, as investigações amorosas realizadas ao longo dos dias em que me passeei pelo concelho com a frase já citada, na cabeça: “A morte é um par de sapatos novos”, substituída entretanto pela frase resultante da imagem que dá o nome a este texto: “O amor é um chapéu novo”, com a qual termino, convicto de que o espaço que habitamos associado ao tempo de permanência nele, é o principal responsável pela qualidade dos fragmentos amorosos que criamos e de que o amor é o espaço protegido que fica entre o “chapéu” que nos abriga e a nossa capacidade de imaginá-lo, com o principal objectivo de o intensificar. ■



FRAGMENTOS DE UM ESTADO AMOROSO





DIRECÇÃO GERAL DE FARÓIS

A luz que guia o navegante

Indicar o caminho, assinalar os eventuais perigos para quem anda no mar é, e sempre foi, a principal missão dos faróis. Ao longe, a luz brilhante, que se acende no crepúsculo dá a sensação de um relâmpago e conduz o navegante até porto seguro. Desde 1924, que a Direcção de Faróis é responsável pelo funcionamento, manutenção e conservação de todos os faróis espalhados pela costa portuguesa.

texto de Ana Isabel Henriques
fotos de Carlos Santos

Junto à Marginal, em Paço de Arcos, está instalada a Direcção Geral de Faróis e foi lá que fomos recebidos pelo Comandante Abrantes Horta - Chefe do Gabinete de Estudos e Oficial de Relações Públicas.

Numa primeira fase, fomos convidados a visitar o museu integrado nas mesmas instalações. As peças expostas - cerca de cem, estiveram todas, em tempos, ao serviço dos nossos faróis. "Quando deixam de estar em funcionamento, são enviadas para aqui, que é onde temos para já o único pólo museológico." Aparelhos ópticos, candeeiros, lâmpadas, eclipsores, lentes são alguns dos magníficos exemplares expostos, todos eles

reluzentes e extremamente bem cuidados pelo senhor César Silva, encarregado do museu. Depois de 20 anos, ao serviço como faroleiro passa agora os seus dias a recuperar peças antigas para exposição. Este museu "não tem horário de funcionamento ao público mas sempre que somos solicitados estamos disponíveis para receber os visitantes" - esclareceu.

Os faróis da nossa costa constituem um importante património histórico e científico, para o preservar temos "a funcionar desde 1924 a Direcção de Faróis, no entanto, os faróis já estavam sob a alçada da Marinha desde 1892." Segue-se uma breve expli-

cação histórica do Comandante Abrantes Horta "até 1758 não havia nenhum serviço organizado, ou seja, as luzes que existiam na costa eram conseguidas à base de fogueiras ateadas pelos familiares de quem andava no mar. Escolhiam os locais mais adequados para lhes indicar o melhor caminho para retornar. Nessa altura, também as ordens de caridade e religiosas, situados em locais privilegiados da costa, por caridade, ajudavam as famílias dos marítimos. Em 1758, o Marquês de Pombal criou um alvará que mandou edificar seis faróis, entregando a responsabilidade da edificação à junta do comércio. Até que finalmente em



As peças expostas, cerca de cem, estiveram todas, em tempos, ao serviço dos nossos faróis. “Quando deixam de estar em funcionamento, são enviadas para aqui, que é onde temos para já o único pólo museológico.”

1892 a tutela do serviço de faróis chegou à Marinha. Actualmente é da competência da Direcção de Faróis “a sinalização costeira, a direcção técnica das ajudas à navegação, a responsabilidade pelo estudo de novas luzes a implementar, bem como, a sua manutenção, conservação ou alteração.”

Como direcção técnica de ajudas à navegação possuem uma nova responsabilidade, a fiscalização. Fazer as inspecções necessárias e notificar as entidades infractoras é uma das suas missões.

As outras, salientou o comandante “prendem-se com os pareceres que emitimos sobre qualquer projecto de sinalização marítima que se queira implementar, neste caso, o nosso parecer que é vinculativo. Continuamos a ser responsáveis pela formação e condução técnica do pessoal, os faroleiros são aqui formados, está a decorrer, neste momento um concurso de formação de 10 faroleiros.”

Como curiosidade quisemos saber qual foi

o primeiro farol a ser implementado “O primeiro farol, como é conhecido nos dias de hoje foi o Farol de Nossa Senhora da Luz que entrou em funcionamento em 1761. É um farol que já não existe e que foi implantado a Norte da foz do Rio Douro.” Relativamente ao último “foi na Madeira o farol de São Jorge, em 1959.”

A extinção de um farol é um processo complexo que requer estudos específicos sobre a área afectada como nos esclareceu o director do Gabinete de Estudos - “a Direcção de Faróis só extingue ou deixa apagar um farol ou um farolim quando percebe que a costa fica de igual forma, bem alumiada. Nunca, por nós, deixaremos que se apague nenhuma luz se esta fizer falta à navegação, nem permitiremos que ninguém o faça. É realizado sempre um estudo prévio da envolvente. Nós trabalhamos para que não haja qualquer quebra ou comprometimento da navegação para quem anda no mar.”

Caricadamente, nos dias de hoje, continua a





ser essencial, a presença dos faroleiros residentes para uma rápida e pronta intervenção como esclareceu o comandante “grande parte dos nossos faróis continuam a ter faroleiros residentes. A sua presença é fundamental para guardar as instalações, para as manter e responder rapidamente aos alarmes que disparam sempre que há alguma falha. Estes alarmes prolongam-se à casa do faroleiro.” Para as habitações, que se encontram devolutas já estão a ser efectuados estudos que prevêem a melhor forma de ocupação desses espaços, “à semelhança de vários países da Europa que já utilizam as residências para a realização de eventos, palestras ou conferencias.”

Contudo é certo que “existem, alguns faróis na zona de Lisboa que são monitorizados e aí a componente forte é a informática. Dispomos de uma central e com a ajuda de um terminal é possível saber o estado de funcionamento do farol. Há sempre um faroleiro de serviço nesta central que monitoriza o sistema.”

Os faróis abrem as portas aos finais das tardes de Verão - dar a conhecer a sua história, o seu enquadramento científico e a sua evolução é o objectivo da iniciativa do Ministério da Ciência e Tecnologia no âmbito do programa Ciência Viva. Desde 2002, que nos meses de Agosto e Setembro, aos sábados e domingos, nos principais faróis do nosso país, especialistas da Marinha Portuguesa abordam com o público temas como a orientação geográfica e a navegação, a história e a evolução tecnológica dos faróis. No final da visita, o público assiste ao acender do farol no crepúsculo. “Temos a noção de que faróis ainda suscitam interesse nas pessoas.” Esta iniciativa, é um exemplo de sucesso e os números falam por si “por ano temos cerca de três mil visitantes.”

Pela sua parte, o Comandante Abrantes Horta, enquanto chefe do Gabinete de Estudos só pode dizer que “é muito gratificante estar continuamente a estudar com o intuito de criar as melhores condições de segurança aos navegantes. Para mim é um orgulho servir quem anda no mar.” ■

Pela sua parte, o Comandante Abrantes Horta, enquanto chefe do Gabinete de Estudos só pode dizer que “é muito gratificante estar continuamente a estudar com o intuito de criar as melhores condições de segurança aos navegantes. Para mim é um orgulho servir quem anda no mar.”

Quadro óleo sob tela



A inspiração veio no dia do eclipse lunar. Sentei-me frente a uma tela 90 X 90 e dei asas à imaginação. Parti de um ponto que existe no concelho, mais precisamente uma lua em pedra que existe no Palácio dos Aciprestes. Dei-lhe dimensão teatral, onde quis retratar a comédia, a tragédia. No fundo, tudo o que cabe numa vida, porque a vida é dimensão, é grandeza!

Carlos Milhais | Designer Gráfico da CMO



WS ENERGIA

O poder de uma (simples) ideia

Dois jovens empreendedores, Gianfranco Sorasio e João Wemans, encontraram, na Incubadora de Ideias do Taguspark, a força impulsionadora que lhes permitiu transformar uma boa ideia – vencedora do Prémio BES Inovação em 2006 – numa empresa com capacidade para se impor, nacional e internacionalmente, no sector das energias renováveis.

texto de Sónia Correia
fotos de Carmo Montanha

O projecto que deu origem à criação da WS Energia começou a germinar no Instituto Superior Técnico, onde o italiano Gianfranco Sorasio e o português João Wemans eram parceiros num grupo de investigação nas áreas da óptica, dos lasers e dos plasmas.

A parceria laboratorial extravasou os muros da universidade e redundou numa sociedade empresarial, firmada em Setembro do ano passado.

Tudo começou há cerca de dois anos, com a proposta de uma empresa italiana, que lhes lançou o desafio de desenvolver “um produto fotovoltaico que respondesse às necessidades do mercado italiano e que pudesse representar uma mais-valia para os investidores daquele país”, um produto que aumentasse a eficiência dos sistemas fotovoltaicos existentes.

Ainda que a intenção inicial dos dois investigadores fosse restringirem-se à investigação, ao cabo de dois meses trabalho “apercebe-

mo-nos do potencial das ideias que tínhamos em mãos e decidimos enveredar por um projecto empresarial”, recorda João Wemans.

Com o mercado italiano em mira, mas apontando, ao mesmo tempo, baterias ao mercado nacional, os dois jovens, hoje com 27 e 32 anos, lançaram-se na aventura de criação de uma empresa que tem no Sol a sua principal ‘matriz de inspiração’.

Com a vontade de inovar a compensar a inexperiência, os dois apelaram à ajuda da Incubadora de Ideias do Taguspark, organismo que promove a inovação de base tecnológica e a criação de novas empresas, através da aposta sustentada no capital intelectual de potenciais empreendedores.

Desde o plano de negócios às instalações, as bases para a criação da WS Energia foram lançadas pela Incubadora. “Estivemos seis meses na Incubadora de Ideias e foi daí que partiu a certeza de que este projecto tinha pernas para andar”, lembra João Wemans.

PRÉMIO BES INOVAÇÃO 2006

Foi numa cobertura do Taguspark que acabaram por desenvolver grande parte do trabalho experimental e foi precisamente aí que verificaram que o sistema por eles criado atingia performances muito próximas do ideal teórico simulado.

“Isso deu-nos grande certeza para avançar”.

Em meados de 2006 iniciaram contactos com o mercado, com fornecedores e com possíveis investidores, processo que culminou com a constituição da empresa, em Setembro, e consequente instalação no Edifício Tecnologia II do Taguspark.

Pelo meio, a invenção DoubleSun, desenvolvida pela equipa da WS Energia, vence a edição de 2006 do Concurso Nacional de Inovação do Banco Espírito Santo, na Secção de Energias Renováveis.

Das cerca de 160 ideias candidatas, a ideia DoubleSun mostrou, na opinião do júri, ser “a mais capaz de tirar partido dos recursos energéticos nacionais e, ao mesmo tempo, garantir importantes mais valias para a empresa que a comercializar”.

De acordo com João Wemans, “o Prémio BES Inovação acabou por acontecer no momento ideal. Foi um incentivo para avançarmos para o passo seguinte, que nos assustava inicialmente, que era a criação da empresa”, e que também contou com o apoio do PRIME – Programa de Incentivos à Modernização da Economia.

O PATENTEADO ‘MULTIPLICADOR SOLAR’

A WS Energia foi, por isso, constituída tendo como objectivo inicial a comercialização do Heliots, o denominado “multiplicador solar”, actualmente já patenteado.

“O fotovoltaico, em geral, serve para produzir energia eléctrica a partir da luz do sol”, explica João Wemans, “este produto em particular serve para aumentar essa produção para cerca do dobro”.

Simples, não?

Mais simples ainda, se percebermos que isso acontece sem que seja necessário adicionar qualquer painel extra à estrutura fotovoltaica. A produção de energia eléctrica é aumentada para o dobro graças à colocação de... dois espelhos.

O resultado: dois ‘sóis’ – o verdadeiro, se assim podemos dizer, e um outro, reflectido nos espelhos e responsável pela duplicação da produção.

Melhor seria impossível, não fosse o caso de um metro quadrado de espelho custar cerca de um décimo de um metro quadrado de módulo fotovoltaico.

“Naturalmente, há que ter em conta custos associados à montagem dos espelhos e à criação de toda a tecnologia, mas, mesmo assim, é possível praticar preços ao nível da energia produzida abaixo do que sucede com um sistema fotovoltaico convencional”.

Outra das mais-valias do Heliots reside no facto de estar dotado de um sistema de seguimento solar, ou seja, além do efeito multiplicador do sol, o engenho tem a capacidade de “seguir o sol, ao longo do dia”.

UM MERCADO EM CRESCIMENTO

Rapidamente os dois sócios tomaram consciência do enorme potencial que o fotovoltaico tem no nosso país, pelo que, “neste momento vendemos tudo!”.

E tudo é o quê? Bem, ‘tudo’ diz respeito a qualquer tipo de sistema fotovoltaico, que pode ser comprado “às peças” ou “chave-na-mão”.

Quanto à instalação, pode ser feita pelos próprios técnicos da WS Energia ou por técnicos afectos a empresas com as quais aquela trabalha.

A garantia, essa, é sempre a mesma – “materiais de topo e qualidade acima da média da con-



corrência". Os módulos fotovoltaicos utilizados pela WS Energia, "os de maior performance e rendimento", são produzidos em países como o Japão ou a Alemanha.

Quanto aos espelhos, são importados da Alemanha.

Made in Portugal só mesmo as estruturas, em alumínio ou em aço inoxidável, saídas de indústrias nacionais.

A maior fatia do mercado da WS Energia encontra-se em Itália e isto acontece sobretudo devido a uma legislação favorável, que incentiva e concede benefícios a quem opte pela instalação de painéis fotovoltaicos para a produção de energia eléctrica.

Em Portugal, o investimento em energias renováveis não encontra, ainda, paralelo com o que sucede noutros países europeus.

Tal não tem, no entanto, impedido os responsáveis pela WS Energia de estabelecer contactos, tanto com clientes domésticos, "que pretendem instalar um sistema deste género em suas casas", como com clientes empresariais, "acontece disporem de um grande espaço de cobertura que não é utilizado e no qual querem instalar um sistema que lhes permita poupar na factura eléctrica ao final do ano".

"O fotovoltaico, em geral, serve para produzir energia eléctrica a partir da luz do sol", explica João Wemans, "este produto em particular serve para aumentar essa produção para cerca do dobro".

A IMPORTÂNCIA DAS ENERGIAS RENOVÁVEIS

Uma das principais dúvidas dos potenciais clientes reside em saber se o investimento num sistema fotovoltaico é compensatório. A essa pergunta, João Wemans responde de forma simples: “o fotovoltaico tem tempo de retorno de cerca de 15 anos. Uma vez que os materiais têm garantia de cerca de 25 anos, não se fica a perder dinheiro”.

Mas mais importante do que a vertente financeira é, para João Wemans, a componente ambiental.

“O facto de estarmos a produzir energia verde é uma mais-valia óbvia deste sistema. Permite-nos ligar um interruptor e não ficar com a consciência pesada. Deste modo, não estamos a poluir o ambiente, nem a contribuir para que Portugal tenha um deficit energético que nos continua a impedir de crescer”.

Para os clientes empresariais o investimento num sistema fotovoltaico pode traduzir-se em importantes retornos ao nível da imagem que passa para a opinião pública.

“Nas empresas, o que se faz é instalar monitores de LCD que a todo o momento vão dando conta de dados como o CO2 que já foi poupado ou a energia que já foi produzida”, refere João Wemans. O fundador da WS Energia acredita que, enquanto responsável por uma empresa com as características que aquela tem, faz parte da sua missão “alertar as pessoas para os problemas que decorrem do facto de Portugal não dispor de muitas fontes de energia. A hídrica está completamente esgotada. Restam-nos o sol e o vento, e que é precisamente aí que temos de apostar”.

MUDAR MENTALIDADES

Portugal está, neste domínio, no início da caminhada.

Noutros países europeus, como a Alemanha e mesmo Espanha, inúmeros edifícios “são conhecidos pelo facto de terem uma fachada fotovoltaica, à semelhança do que sucede, em Portugal, com o edifício da Brisa”.

João Wemans acredita, no entanto, que o facto de estarmos ainda a dar os primeiros passos pode ser encarado como uma vantagem competitiva.

“Quem, nestes próximos anos, investir nesta área vai ser visto como um pioneiro. Isto já não sucede noutros países onde, por ser tão comum, o investimento em sistemas fotovoltaicos é encarado quase como uma obrigatoriedade, não comportando grande retorno para a empresa”. A WS Energia continua a crescer. Colaboradores são, actualmente, seis, mais dois estágios do Inove Jovem, distribuídos pelas áreas do controlo de qualidade, do marketing, da produção e da instalação. Os dois sócios são jovens, e a restante equipa é ainda mais jovem – todos os elementos têm idades abaixo dos 27 anos e todos são licenciados.

A empresa prepara-se para construir, no Taguspark, uma central de Heliots, “um projecto demonstrativo para os clientes interessados em ver como funciona”.

Trata-se de uma instalação totalmente inovadora em Portugal, que deverá ficar concluída ainda no primeiro semestre de 2007. ■

Quem, nestes próximos anos, investir nesta área vai ser visto como um pioneiro. Isto já não sucede noutros países onde, por ser tão comum, o investimento em sistemas fotovoltaicos é encarado quase como uma obrigatoriedade, não comportando grande retorno para a empresa.

WIS
e n e r g i a





EXPO EVASÃO E 4X4

Fundição de Oeiras

Realizou-se no passado fim-de-semana de 3 e 4 de Março, a 1ª edição da Expo Evasão e 4x4, salão de exposição no ramo da aventura e 4x4.

Este evento, organizado pela Rotas e Sistemas, com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras, teve lugar na Fundição de Oeiras, tendo contado com a presença de muitos visitantes, essencialmente na área do todo-o-terreno.

Além da exposição em si, que encheu e embelezou sobremaneira o espaço disponibilizado, contando com a presença de vários destaques, como a presença do camião de assistência de Elisabete Jacinto no Rally Lisboa-Dakar ou de vários novos modelos das marcas presentes, esta iniciativa notabilizou-se ainda pela oferta de vários eventos paralelos que garantiram uma animação suplementar e conferiram um carácter mais próximo e experimental à iniciativa.

Assim, a ExpoEvasão contou com a realização de um passeio de 4x4, organizado pelo Clube Todo o Terreno de Oeiras, onde estiveram presentes cerca de 70 veículos todo-o-terreno que percorreram todo o concelho, um passeio de BTT na Av. marginal e Complexo Desportivo do Jamor, com mais 50 atletas, entre outras actividades de demonstração que tiveram lugar na Fundição de Oeiras, como modelismo e mini-motas.

Associado à ExpoEvasão, realizou-se ainda uma prova do Campeonato Nacional de Trial Indoor, onde estiveram presentes os melhores atletas nacionais que deram um verdadeiro espectáculo de perícia e audácia para superar os obstáculos propostos e arrebataram o público presente.

DIA MUNDIAL DA FLORESTA

Foi na data em que se comemorava o Dia Mundial da Floresta que se plantou a árvore nº 4000. Esta iniciativa vem a propósito do Programa Oeiras Cidade Verde onde se inclui o Plano Municipal de Arborização. O programa Oeiras Verde prevê a plantação de 25 mil novas árvores, ao longo dos próximos quatro anos, para que possam chegar ao número de 170 mil, ou seja, tantas quantos os habitantes do concelho.

Mais que um simples plano de arborização, trata-se de um plano estratégico que pretendemos levar a cabo no decurso da próxima década e que vai modificar a face visível do concelho.

Espécies características da flora mediterrânica, como o carvalho, o medronheiro, o castanheiro, o pinheiro, o amieiro e a tília são a maioria das árvores a plantar, não obstante de não estarem excluídas outras espécies.

Fazer de Oeiras um espaço verde implica o equilíbrio entre os espaços construídos e os valores da paisagem natural, ao mesmo tempo que serve as funções de lazer e recreio, contribuindo, desta feita, para o equilíbrio do território. Este plano prevê, numa primeira fase, até 2009, a plantação de 29.335 árvores.



CICLO DANÇA NO AUDITÓRIO EM OEIRAS

Auditório Municipal Eunice Muñoz

Kaminari-Trovão abriu o ciclo “Dança no Auditório” que, constituído por um total de seis espectáculos (dois dos quais dedicados ao público infantil), teve lugar nos fins-de-semana de Março no Auditório Municipal Eunice Muñoz.

O espectáculo *Kaminari-Trovão*, uma obra coreográfica de autor, César Augusto Moniz, resulta de mais de dez anos de visitas regulares e estadas no Japão. Nestas suas deslocações àquele país nipónico, o coreógrafo teve oportunidade de estudar duas religiões milenares, o xintoísmo e o budismo. Os seus cultos, rituais e, sobretudo, sabedoria, têm inspirado uma vida pessoal e artística que deseja partilhar sobre forma coreográfica, com outros artistas e com múltiplos públicos.

Kaminari é, assim, também, um projecto de respeito pela memória de todos os nossos ancestrais e pela mistura cultural que provocaram e que desejamos manter viva, mesmo se actualizada em linguagem contemporânea.



CAFÉ COM LETRAS

Dirigido prioritariamente ao público adulto e juvenil com hábitos de leitura já constituídos, o projecto Café com Letras, uma iniciativa das Bibliotecas Municipais de Oeiras que conta com o patrocínio da estação de rádio TSF, tem por objectivo a criação de um espaço informal de encontro dos leitores das ‘nossas’ bibliotecas com autores contemporâneos. Com uma periodicidade mensal, as três sessões passadas e as nove previstas para 2007, realizar-se-ão nas três bibliotecas municipais. Este ano, o projecto teve e continuará a ter como protagonistas os autores da poesia portuguesa.



BANDEIRA VERDE

No passado dia 16 de Março, o município de Oeiras recebeu umas das primeiras bandeiras verdes ECOXXI, atribuídas a 20 dos 41 municípios que durante o ano 2006 participaram no Projecto ECOXXI- um compromisso pela sustentabilidade, promovido pela Associação Bandeira Azul da Europa.

Este projecto, enquadrado na Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável tem como objectivos reconhecer as boas práticas de sustentabilidade desenvolvidas ao nível dos municípios, sendo os seus conteúdos inspirados nos princípios subjacentes à Agenda 21 Local.

Na sua segunda edição, o projecto pretende acima de tudo, contribuir para o fortalecimento de acções continuadas em prol do desenvolvimento sustentável, através do reconhecimento dos compromissos assumidos por cada município relativamente à educação e qualidade ambientais e pretende constituir um ponto de partida para a aferição do percurso de sustentabilidade regional e do próprio país.

A cerimónia de entrega das Bandeiras decorreu no dia 16 de Março, na Biblioteca Almeida Garrett (Palácio de Cristal), no Porto.



GOSTOS REQUINTADOS

Situada em Paço de Arcos, A Chaveninha é um salão de chá clássico e acolhedor, aqui os aromas dos chás do mundo misturam-se com os sabores dos scones caseiros. O espaço é tranquilo, a luz é a ideal, o ambiente é familiar, o atendimento simpático, na realidade, sentimo-nos bem vindos.

texto de Ana Isabel Henriques
fotos de Carlos Santos

A ideia deste projecto já andava há algum tempo na cabeça dos proprietários, os irmãos, Sandra e Leopoldo. Foram sempre muito ligados ao ritual do chá acompanhado de um bom scone, por essa e outras razões, só poderiam abrir um espaço assim. N'A Chaveninha, aconselha-se dependendo da hora do dia, infusões para degustar um dos múltiplos chás verdes, pretos, brancos ou vermelhos todos eles provenientes de regiões com fortes tradições neste campo.

O objectivo, definido por ambos, era criar “uma casa mais familiar, tradicional, que proporcionasse algum convívio à volta de gostos igualmente simpáticos, como é o caso dos scones e dos chás”.

Tudo foi pensado ao pormenor, tudo menos o espaço, “esse foi amor à primeira vista” confessou-nos a proprietária. É um espaço com muita luz, no exterior uma esplanada com vista para o mar convida a uma pausa. A imprimir-lhe um toque clássico e tradicional está a decoração, a qualidade dos produtos expostos e a forma de atendimento personalizada.

Para apreciar, tem uma gama de chás muito vasta, proveniente de várias partes do mundo, scones quentinhos, compotas e bolos caseiros. Sumos de fruta natural ou chocolates quentes também fazem parte da ementa e como defende a proprietária “todos os produtos que temos convidam a esses laços familiares como se estivessem em casa.”

O gosto pelo chá e pelas suas propriedades terapêuticas levou-os a escolher cuidadosamente cada um deles “alguns são gostos do mun-

do inteiro que as pessoas por infusão não experimentam facilmente e não conseguem encontrar num supermercado. Os chás são riquíssimos e têm propriedades muito benéficas para o organismo, temos três chás muito raros são de um sítio particular dos Himalaias, e têm um gosto muito requintado.”

A preocupação com o atendimento e com a qualidade dos produtos é uma prioridade para os dois irmãos, “fazemos todos possíveis por servir bem, os mesmos cuidados que tínhamos no início continuamos a ter, e as pessoas que tínhamos nessa altura mantêm-se, isso para nós, é o melhor sinal”

Definem A Chaveninha como “um espaço de qualidade que se pretende que vá ao encontro do que as pessoas procuram, isto é, que se sintam acolhidas, num local onde são bem atendidas.”

Conjugar as características da fruta e do leite são algumas propostas para a Primavera.

O balanço que fazem de quase dois anos de funcionamento “é muito positivo, claro que é um trabalho construtivo todos os dias há coisas novas a melhorar mas é, francamente positivo,” O segredo do sucesso é o gosto, a dedicação e o carinho com que criaram e desenvolveram este projecto. ■

A Chaveninha – Salão de Chá

Horário de Funcionamento : Todos os dias das 8h00 às 20h00

Morada: Caminho do Mocho, Lote 1 Loja Esquerda – Paço de Arcos

Telefone: 21 441 43 78



Neves de Sousa

Jornalista Desportivo

texto de Carla Rocha

foto gentilmente cedida por Maria José

Neves de Sousa foi bem mais que um jornalista desportivo. Rigoroso, muito rigoroso, pautou sua vida pela informação certa e incisiva. Sem dó nem piedade, escrevia o que lhe ia na alma. E escrevia muito. Por paixão, mas também para que nada faltasse aos seus onze filhos. Na verdade dez, porque o primogénito morreu após sete horas de vida, mas para Neves de Sousa, ele esteve sempre presente, e à pergunta: “Quanto filhos?”, respondia prontamente: “Onze”. Um numero bem futebolístico, por sinal.

Alfacinha de gema, nasceu a 4 de Outubro de 1930. Bom aluno, estudou até ao sétimo ano. Trabalho teve inúmeros até que um belo dia, com a cunha da filha do reitor foi até à grande revista da altura “Flama” para conseguir um trabalho mais condizente com o seu gosto. Pediram-lhe o impossível: uma entrevista com o Felix, jogador Benfiquista que ninguém conseguia entrevistar. Neves de Sousa tinha 19 anos e muita garra. Conseguiu e a partir daí nunca mais parou. Dava os primeiros passos na sua longa carreira jornalística. Escrevia muito, imenso. Dizia que tinha de conseguir um estilo próprio. Marcar seu nome. E tanto fez que conseguiu. A esposa diz que “escrevia com vinagre, era acérrimo”. Saía da Flama directamente para o Parque Mayer onde as noites prolongavam o dia até tarde. Entretanto, numa noite de excessos, quando o grau de alcoolémia toma conta dos sentidos, Neves de Sousa

mais uma série de amigos deram-se como voluntários para a Índia, defender aquilo que Salazar insistia em manter português. E lá teve de ir, voluntário à força, como gostava de dizer, regressando dois anos, oito meses, catorze dias e onze horas depois, tendo à sua espera a mãe e uma madrinha de guerra, Maria José, com quem casou dois meses depois. Em 1960 nasce o primeiro filho que teve a vida breve. Em 1961 nasce o Zé Manuel, o mais velho, ao qual sucedem mais nove. Trabalho e mais trabalho para sustentar a família cada vez maior. Neves de Sousa marcou o jornalismo português, ao qual se dedicou por mais de 40 anos. Para além do jornalismo, também esteve ligado ao teatro e ao mundo do espectáculo como organizador da Grande Noite do Fado durante anos consecutivos, entre outras actividades.

Era um homem metódico e organizado. Em blocos de apontamentos deixados, descobrimos que fez 357 viagens de avião, conheceu 63 países, foi 52 vezes a Espanha, 35 à França e 31 à Alemanha e por aí fora. Organizou 26 Grandes Noites do Fado, e comentou 36 Voltas a Portugal.

A dedicação que Neves de Sousa tinha ao trabalho era, para Maria José, perfeitamente normal e aceitável, uma vez que para ela “Só compreendo o jornalismo assim, com total dedicação”, e mais do que isso “Amar é aceitar as escolhas da outra pessoa”.

Amante de uma boa conversa, Maria José

relembra que às vezes que foram jantar fora, para uma conversa a dois, um estar mais a sós, passado pouco tempo, a mesa virava uma verdadeira tertúlia, avolumando-se pessoas à sua volta e um nunca mais acabar de assuntos.

Não teve tempo para ir ao médico aquando dos primeiros sintomas da doença, afinal, a Volta a Portugal falava mais alto. Só depois é que se viu resignado ao hospital e mesmo assim, da sua cama, fazia a crónica para a Rádio Alfa de Paris. Maria José ia todos os dias, às sete da manhã, dar-lhe banho, levar-lhe os jornais, fazer-lhe companhia.

E este homem que fez tropa na Índia, casou com uma madrinha de guerra, teve 11 filhos, trabalhou no Parque Mayer, ajudou a trazer a Portugal Duke Ellington, Louis Armstrong, Ella Fitzgerald e Sammy Davis Jr, que organizou anos a fio a Grande Noite do Fado, mas que acima de tudo foi amado e odiado como só as grandes pessoas conseguem ser, morreu no dia 7 de Julho de 1995.

Houve uma trovada após a morte de Neves de Sousa. Os filhos viraram-se uns para os outros e disseram: “Pronto! o pai já está lá em cima a arranjar confusão. Ou então encontrou um tipo do Benfica pelo caminho e já estão a discutir”.

Até o céu deve ter passado a ter um jornal desportivo! 🍷



8 * 9 * 10 * JUNHO
PASSEIO MARITIMO DE ALGÉS

DIA 8

PEARL JAM * LINKIN PARK
BLASTED MECHANISM * THE USED

DIA 9

THE SMASHING PUMPKINS
THE WHITE STRIPES
THE VICIOUS FIVE * DAPUNKSPORTIF

DIA 10

BEASTIE BOYS * DA WEASEL
BURAKA SOM SISTEMA * SAM THE KID

Bilhetes à venda: Fnac, Fnac Service, Bulhosa (Oeiras Parque), Agência Abreu, Bliss (Oeiras Parque e Forum Montijo), Agências ABEP e Alvalade, Ticketline (Reservas: 707 234 234 e www.ticketline.sapo.pt)

Premium Sponsor



Media Partners





oeiras
Marca o ritmo

